

ARTE ALÉM DAS FRONTEIRAS

Diversidades em Diálogo

Art Beyond Boundaries — Brazil

Hiromi Takano

Prefácio:

Tohun Kobayashi

ART BEYOND BOUNDARIES — BRAZIL

Biomass do Brasil em Diálogo Global

Coordenação Geral

Hiromi Takano

Prefácio de

Tohun Kobayashi

Brasília, 2026



Copyright © 2026 desta edição, Hiromi Takano
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19.2.1998
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a expressa anuência da editora.
As opiniões, interpretações e informações constantes dos textos assinados são de responsabilidade de seus respectivos autores.

Coordenação Geral
Hiromi Takano

Concepção Editorial e Projeto Gráfico
William de Freitas dos Santos

Contato
Instituto Sumi-e Brasil
sumiebrasil@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Art Beyond Boundaries Brazil: biomas do Brasil em diálogo global Brasil / [coordenação geral Hiromi Takano]. -- Brasília, DF : Ed. dos Autores, 2026.

Vários artistas
ISBN 978-65-02-32178-2

1. Arte 2. Artistas 3. Artistas brasileiros
4. Biomas - Brasil 5. Cultura 6. Diálogos
7. Diversidade 8. Natureza 9. Recursos naturais - Brasil 10. Seres humanos I. Takano, Hiromi
II. Título.

26-389829.0CDD-707.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Exposições 707.4

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/0

SUMÁRIO

Mensagens 7

Apresentação 15

Prefácio 21

PARTE I — ENSAIOS

A Amazônia que Habita em Nós 25

Arte e Diplomacia Cultural entre Brasil e Japão 29

O Traço Invisível da Paz 35

Natureza, Cultura e Poética dos Biomas Brasileiros 39

PARTE II — A EXPOSIÇÃO

Núcleo Curatorial 51

Galeria do Brasil 101

Galeria do Japão 117

Galeria Internacional 159

Agradecimentos 259



MENSAGENS

A arte, para além da técnica ou do estilo, é uma manifestação da forma como o ser humano se relaciona com o mundo. Quando os artistas participantes retratam a presença da vida por meio das gradações da tinta e do movimento do pincel, surge um sentimento de empatia capaz de ultrapassar fronteiras nacionais e culturais. Esse é precisamente o espírito desta exposição: promover a cooperação cultural, fortalecer a consciência ambiental e incentivar o diálogo em favor de um futuro sustentável.

Tohun Kobayashi



Traços de União: A Natureza Brasileira sob o Olhar da Harmonia e da Diplomacia Cultural

Senador Chico Rodrigues

É com sincero entusiasmo e elevado sentimento cívico que o Senado Federal abre seus espaços para acolher a magnífica exposição “Arte Além das Fronteiras – Brasil: Diversidades e Diálogo”. Esta Casa, que por vocação constitucional é o fórum de representação de todos os Estados e de convergência dos anseios do povo brasileiro, torna-se hoje também o solo fértil onde a sensibilidade estética e a identidade nacional se encontram para dialogar com o mundo.

Como homem do Norte e amazônida de coração e trajetória, trago gravado na alma o pulsar das nossas matas, a força viva das águas e a imensidão da nossa sociobiodiversidade. Conheço de perto a pulsação de uma terra generosa, que não apenas sustenta vidas, mas molda a própria alma de quem nela habita. Por isso, contemplar a grandeza dos nossos seis biomas — da majestosa Amazônia à resiliência da Caatinga, do horizonte sem fim do Cerrado ao vigor do Pantanal, da riqueza da Mata Atlântica à vastidão do Pampa — retratada por meio da delicadeza ancestral do sumi-ê, desperta em mim um orgulho indescritível e renova o compromisso inegociável de proteger o nosso patrimônio natural.

A arte possui a nobre virtude de derrubar barreiras geográficas, temporais e linguísticas. Onde a palavra às vezes encontra limites, o gesto artístico edifica pontes invisíveis e duradouras. Ao unir artistas e admiradores em torno da nossa riqueza ecológica, esta mostra comprova que o amor pela natureza é um sentimento universal, capaz de mobilizar corações em prol de um futuro mais sustentável, consciente e solidário.

Nesse entrelaçamento de olhares, ganha especial significado a secular e fraterna relação entre o Brasil e o Japão, cuja herança estética e filosófica se espalhou pelo planeta. A tradição do sumi-ê — fundamentada no equilíbrio do traço, na contemplação respeitosa e na harmonia com o ambiente — transcendeu fronteiras e serviu de linguagem comum para artistas de várias partes do mundo aqui reunidos. Ao voltarem suas perspectivas internacionais para a fauna, a flora e os ecossistemas brasileiros, esses criadores transformam uma técnica milenar do Oriente em um manifesto cosmopolita de admiração pela nossa biodiversidade, demonstrando o poder da amizade e da colaboração global.

Recepcionar esta iniciativa no Parlamento é afirmar que a diplomacia cultural e a conscientização ambiental caminham lado a lado. Ao folhear as páginas deste catálogo, convido cada leitor a se permitir tocar pela sutileza de cada pincelada, a enxergar a força da nossa terra sob uma ótica de serenidade e a renovar a certeza de que a preservação do Brasil é uma missão coletiva de cidadania e de amor à vida.

Sejam todos muito bem-vindos a esta travessia de arte, harmonia e integração.

A Arte Além das Fronteiras: Cultura, Diversidade e Diálogo entre os Povos

Shirley Pontes

Presidente da Academia Internacional de Cultura – AIC

“A arte é uma das poucas linguagens capazes de atravessar fronteiras sem a necessidade de tradução.” Os desafios globais da contemporaneidade exigem não apenas soluções econômicas, científicas e políticas, mas também a capacidade de reconhecer, no outro, a riqueza de sua identidade cultural. Nesse contexto, a arte revela-se uma profunda expressão da condição humana e instrumento de aproximação entre os povos. Ela comunica emoções, memórias, valores e visões de mundo que ultrapassam as limitações da linguagem verbal, tornando-se uma linguagem universal capaz de promover encontros, despertar empatia e construir pontes entre as culturas.

Ao celebrar 30 anos de existência, a Academia Internacional de Cultura (AIC) reafirma seu compromisso com a valorização da diversidade cultural e com o fortalecimento do diálogo intercultural, inspirada pela convicção de que a cultura constitui um dos pilares da convivência pacífica entre as nações e da construção de relações mais justas, cooperativas e solidárias.

As expressões artísticas refletem seu tempo e narram a história dos povos, revelam tradições, crenças, experiências coletivas e identidades singulares. Aplaudimos com entusiasmo o projeto *Arte sem Fronteiras – Brasil: Diversidades em Diálogo*, idealizado pela artista visual Hiromi Takano, que apresenta os seis biomas brasileiros, representando-os pictoricamente por meio de técnicas tradicionais japonesas sob uma perspectiva artística sensível à diversidade natural e cultural brasileira.

A iniciativa articula arte, natureza e cooperação internacional ao apresentar os biomas brasileiros como expressão da riqueza ambiental, cultural e identitária do país. Ao projetar essa diversidade para além das fronteiras nacionais, o projeto fortalece o diálogo intercultural, amplia o conhecimento sobre o patrimônio brasileiro e reafirma a arte como instrumento de aproximação entre povos, tradições e visões de mundo.

Sobretudo, ao ultrapassarem as fronteiras de seus lugares de origem, as expressões artísticas passam a integrar um patrimônio cultural compartilhado, sem perder sua autenticidade nem diluir suas raízes. Ao preservar a identidade e dialogar com a diversidade, o intercâmbio artístico favorece o aprendizado recíproco e novas possibilidades de expressão.

A circulação de artistas, exposições, publicações, projetos colaborativos e manifestações culturais amplia esse intercâmbio e fortalece a diplomacia cultural, criando oportunidades de cooperação e relações de confiança, respeito e amizade entre as nações.

A circulação de artistas, exposições, publicações, projetos colaborativos e manifestações culturais favorece não apenas o intercâmbio e a difusão da produção artística de diferentes países, mas também o fortalecimento da diplomacia cultural. Criam-se, assim, oportunidades de cooperação que transcendem interesses imediatos e contribuem para relações de confiança, respeito e amizade entre as nações. A arte, nesse sentido, atua como uma forma de diálogo internacional, capaz de aproximar pessoas, apesar de diferenças políticas, econômicas ou ideológicas.

A Academia Internacional de Cultura acredita que investir em cultura é construir um futuro em que a diversidade seja compreendida como **valor**, o diálogo como **método** e a cooperação como **caminho** para o desenvolvimento sustentável. Cabe às instituições culturais preservar patrimônios e fomentar espaços onde diferentes identidades possam coexistir com dignidade, liberdade e respeito.

Nesse contexto, a Academia Internacional de Cultura reconhece iniciativas que traduzem, na prática, esses princípios. Ao preservar as identidades culturais e, simultaneamente, promover o diálogo entre elas, a cultura fortalece os vínculos entre as nações e reafirma aquilo que há de mais profundo e humano em cada povo, consolidando valores universais de paz, solidariedade, compreensão mútua e fraternidade.

Ao celebrar a diversidade cultural, o Art Beyond Boundaries Brazil contribui para que a beleza da natureza e a expressão artística continuem sendo fontes de conhecimento, criatividade, cooperação e esperança para as presentes e futuras gerações.

Brasil: Matrizes Culturais em Diálogo

Identidade, memória e cooperação cultural

Hiromi Takano

Presidente do Instituto Sumi-e Brasil

O Brasil é constituído pelo encontro de múltiplas matrizes culturais. Povos originários, africanos, europeus, asiáticos e tantas outras comunidades contribuíram para formar uma identidade plural, dinâmica e em permanente construção. A arte brasileira nasce desse diálogo, preservando memórias ancestrais e criando novas formas de expressão.

No contexto de *Arte sem Fronteiras – Brasil: Diversidades em Diálogo*, as matrizes brasileiras não representam apenas uma origem histórica, mas uma força criativa que conecta tradição e contemporaneidade. Cada obra revela narrativas sobre território, natureza, espiritualidade, diversidade e pertencimento, demonstrando que a cultura é patrimônio vivo. Ao reunir artistas de diferentes países em torno dos biomas brasileiros, o projeto promove diálogo intercultural baseado no respeito às identidades, na valorização das diferenças e na construção de uma cultura de paz.

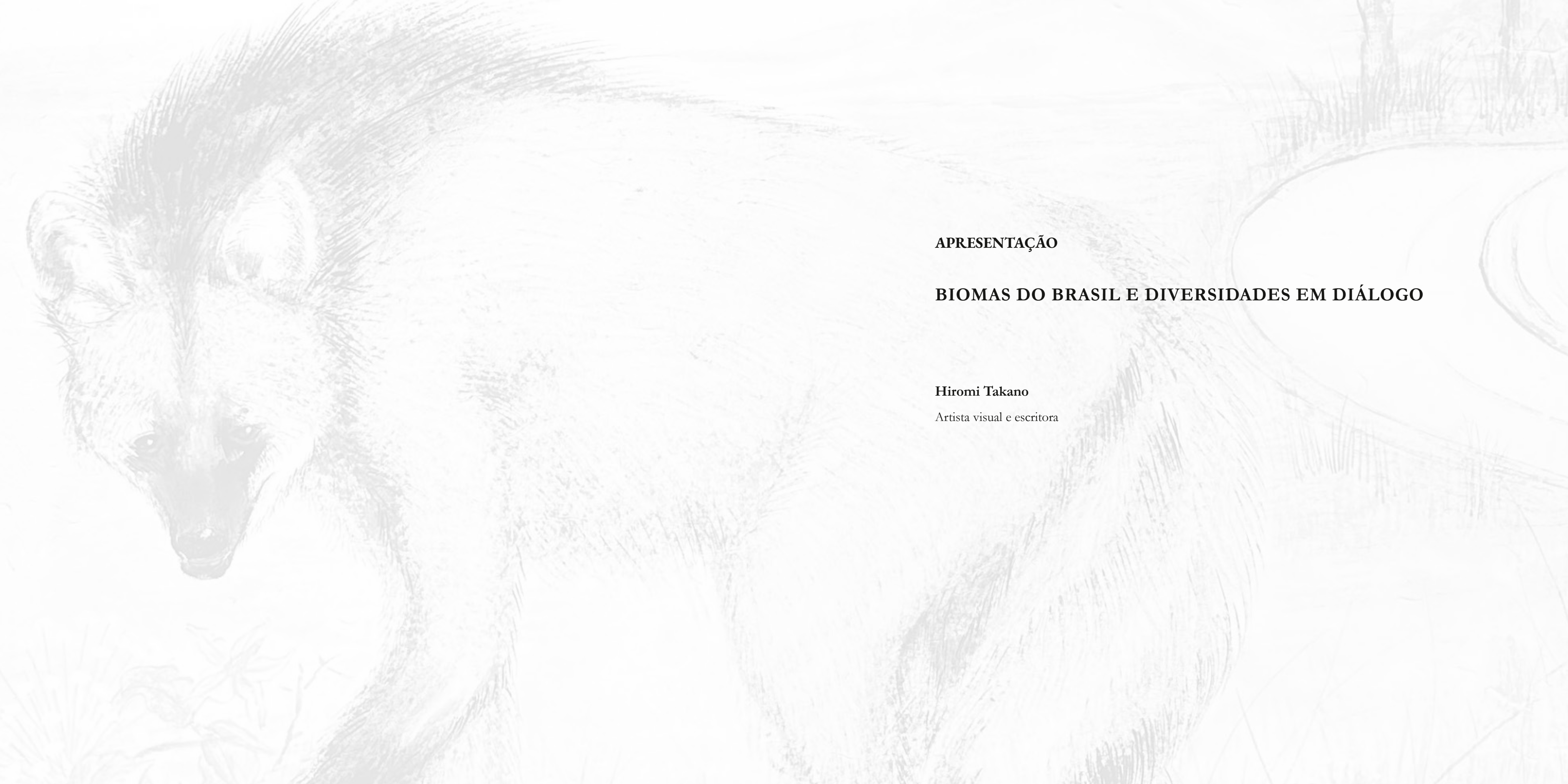
O Brasil não é definido apenas por suas matrizes humanas, mas também por suas matrizes ecológicas. Os seis biomas — Cerrado, Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga, Pantanal e Pampa — tornam-se fontes de inspiração estética, simbólica e cultural, reconhecidos como territórios de memória, identidade e criação artística. Essa perspectiva estabelece uma ponte entre arte, biodiversidade, patrimônio cultural e diplomacia internacional, fortalecendo Art Beyond Boundaries Brazil como plataforma global de diálogo entre culturas e natureza.

Nesse cenário, a imigração japonesa evidencia como valores, técnicas e sensibilidades orientais que passaram a integrar a paisagem cultural brasileira, preservando suas raízes e enriquecendo a cultura nacional. Ao celebrar os 118 anos da Imigração Japonesa no Brasil, reconhecemos a comunidade nipo-brasileira como uma das matrizes culturais que integram o patrimônio artístico e humano do país. Desde a chegada do Kasato Maru, em 1908, os imigrantes trouxeram conhecimentos agrícolas e valores estéticos, filosóficos e espirituais que influenciaram profundamente a cultura brasileira. O respeito à natureza, a contemplação, a disciplina, a simplicidade e a busca da harmonia passaram a integrar diferentes manifestações artísticas.

Ao longo de mais de um século, artistas nikkeis estabeleceram um diálogo entre Oriente e Ocidente, preservando raízes japonesas e incorporando a paisagem, a biodiversidade e a diversidade cultural brasileiras. Em *Arte sem Fronteiras – Brasil*, essa contribuição encontra novas possibilidades de expressão: o sumi-e retrata os seis biomas brasileiros com a sensibilidade da pintura a tinta, aproximando culturas e despertando o compromisso com a preservação ambiental.

Celebrar os 118 anos da imigração japonesa é também reconhecer uma história construída pelo trabalho, pela educação, pelo respeito às diferenças e pelo intercâmbio cultural, bem como a contribuição de gerações para as artes, a arquitetura, o paisagismo, o design, a cerâmica, a fotografia, a gravura, a literatura e outras manifestações culturais brasileiras.

Mais do que uma exposição, *Arte sem Fronteiras – Brasil: Diversidades em Diálogo* constitui espaço de reflexão sobre sustentabilidade, patrimônio cultural, educação e cooperação internacional. Ao celebrar os biomas por meio da arte, reafirma que preservar a natureza também significa preservar as culturas que nela se desenvolveram. Ao reunir artistas brasileiros e internacionais, homenageia a contribuição japonesa para a cultura brasileira e celebra um legado vivo, no qual herança e pertencimento convivem e continuam inspirando criação, diálogo e cooperação internacional.



APRESENTAÇÃO

BIOMAS DO BRASIL E DIVERSIDADES EM DIÁLOGO

Hiromi Takano

Artista visual e escritora

I. Uma trajetória artística

A exposição *Arte sem Fronteiras – Brasil: Diversidades em Diálogo* representa o amadurecimento de uma trajetória construída por sucessivos projetos de pesquisa, criação, exposições e publicações dedicados à preservação, ao desenvolvimento e à difusão da pintura tradicional japonesa em sumi-e. O percurso teve início com a Exposição Interativa de Sumi-e (2021), seguida de Shikunshi do Cerrado (2022), dedicado à renovação temática a partir da flora do Cerrado, e de Denshō: o Caminho do Sumi-e no Brasil (2024), exposição e livro com prefácio do artista e Embaixador do Japão no Brasil, Teiji Hayashi, lançado durante o Shinnenkai na Embaixada do Japão. Consolidou-se com Recortes do Cerrado (2025), exposição e livro que também contou com prefácio e capítulo do Embaixador.

A trajetória ampliou-se com a participação de obras de Hiromi Takano em exposições internacionais no Japão e na Espanha (2022–2026), obtendo reconhecimento pelo trabalho artístico e pela divulgação do sumi-e. Neste ano, Recortes do Cerrado realiza sua segunda edição na Câmara Legislativa do Distrito Federal e prossegue para o Senado Federal, integrando-se a Art Beyond Boundaries e ampliando seu alcance institucional. Nesta mostra, a trajetória alcança sua expressão mais abrangente ao reunir artistas de diferentes países em torno dos biomas brasileiros como linguagem comum de diálogo intercultural.

Esse novo capítulo sintetiza um percurso de vários anos e reafirma a convicção de que a linguagem do sumi-e permanece viva, renovando-se ao encontrar novos territórios, novas paisagens e novos olhares, ao mesmo tempo em que evidencia o papel da arte como instrumento de aproximação entre culturas e nações.

Arte sem Fronteiras – Brasil: Diversidades em Diálogo nasceu como desdobramento do projeto Recortes do Cerrado, desenvolvido por Hiromi Takano. Após a realização na Câmara Legislativa do Distrito Federal em 2025, o projeto desloca-se para o Senado Federal, ampliando seu escopo ao incorporar os seis biomas brasileiros como eixo curatorial e estabelecer um diálogo entre a tradição pictórica oriental e a diversidade ambiental e cultural do Brasil.

1. O nascimento de Art Beyond Boundaries Brazil

A origem da edição brasileira está na participação de Hiromi Takano na exposição *Art Beyond Boundaries*, realizada em 2026 no **The National Art Center**, em Tóquio, a convite de Tohun Kobayashi. Na ocasião, a artista apresentou a obra *Tamandua-bandeira*, do projeto Recortes do Cerrado, que demonstra a renovação temática do sumi-e: preservando os fundamentos estéticos e filosóficos da pintura tradicional japonesa a tinta, incorpora o bioma Cerrado e a paisagem brasileira.

A obra recebeu o *Certificado de Honra* e o *International Art Award*, em reconhecimento à excelência artística e à contribuição para o sucesso da mostra. Em seguida, Hiromi Takano foi convidada a participar da edição realizada em Borja, na Espanha. A partir dessas participações, Tohun Kobayashi convidou-a a sediar uma edição de *Art Beyond Boundaries* no Brasil.

A acolhida da obra *Tamandua-bandeira* levou a artista a expandir o conceito de Recortes do Cerrado para os seis biomas brasileiros — Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal. Nasceu, assim, *Arte sem Fronteiras – Brasil: Diversidades em Diálogo*, concebida para apresentar os biomas por meio das técnicas tradicionais da pintura japonesa a tinta (sumi-e, suibokuga e nihonga).

Mais do que uma sequência de exposições, o projeto consolida uma proposta de cooperação cultural que reúne artistas, instituições, embaixadas e parceiros em torno do entendimento entre os povos por meio da arte. Fundamentada nos valores do sumi-e — contemplação, simplicidade, equilíbrio, respeito à natureza e consciência da impermanência —, a iniciativa afirma a pintura japonesa a tinta como linguagem capaz de preservar patrimônios culturais e aproximar diferentes tradições.

2. Os Biomas do Brasil como proposta curatorial

Ao realizar *Arte sem Fronteiras – Brasil: Diversidades em Diálogo*, Hiromi Takano amplia o projeto Recortes do Cerrado para o plano internacional, tendo os seis biomas nacionais como eixo temático estruturante. Mais do que representar paisagens, a exposição compreende os biomas como territórios em que biodiversidade, cultura, memória e modos de vida se entrelaçam. Cada obra estabelece um diálogo entre a tradição contemplativa do sumi-e e a riqueza ambiental e cultural do Brasil.

A proposta inspira-se na compreensão de que a pintura a tinta ultrapassa fronteiras, preservando seus princípios estéticos ao acolher novos territórios e sensibilidades. O encontro entre artistas brasileiros e internacionais transforma-se, assim, em espaço de intercâmbio no qual a diversidade dos biomas dialoga com múltiplas tradições artísticas sem perder sua identidade.

3. Um marco na trajetória internacional

Arte sem Fronteiras – Brasil: Diversidades em Diálogo representa um marco na trajetória internacional da artista e do sumi-e praticado no Brasil. A exposição confere identidade própria à participação brasileira no circuito internacional ao estabelecer os seis biomas como eixo curatorial.

Cada obra preserva a identidade de seu autor e, ao mesmo tempo, integra uma narrativa coletiva na qual a arte se transforma em espaço de intercâmbio e construção de significados compartilhados. Nesse percurso, os biomas brasileiros assumem o papel de linguagem comum entre artistas de diferentes países.

O Senado Federal como espaço de realização acrescenta à mostra uma dimensão institucional e simbólica singular. Situado no coração de Brasília e projetado por Oscar Niemeyer, o Congresso Nacional é um dos principais símbolos da democracia brasileira. Ao acolher artistas de diversas nacionalidades, transforma-se também em espaço de encontro entre arte, cultura, natureza e diplomacia.

II. Territórios de Encontro: Biomas do Brasil e Arte Sumi-e em Diálogo

1. Travessias entre Culturas e Territórios

No coração de Brasília, o **Senado Federal** acolhe a exposição *Arte sem Fronteiras – Brasil: Diversidades em Diálogo*, apresentada pelo **Instituto Sumi-e Brasil** em parceria com a **International Association of SUMI**, do Japão. Realizada anteriormente em Tóquio e em Borja, a mostra chega ao Brasil como gesto de travessia simbólica, reunindo artistas de diferentes países em torno de uma linguagem comum: a arte como ponte entre culturas, territórios e sensibilidades.

A edição brasileira propõe um **encontro entre a tradição da pintura japonesa a tinta — em especial o *sumi-e* e o *suibokuga* — e a riqueza natural, cultural e simbólica dos biomas brasileiros: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa**. Cada bioma revela não apenas uma paisagem, mas uma memória viva, composta por formas de vida, saberes, ciclos e silêncios que atravessam a história do país.

O sumi-e ensina a escutar o mundo antes de representá-lo. O gesto do pincel nasce do silêncio, da respiração e da atenção ao vazio. Nessa linguagem, a natureza não é apenas tema: é mestra. A tinta, a água, o papel e o espaço em branco revelam aquilo que escapa ao olhar apressado — a delicadeza de uma folha, a força de um animal, o movimento do vento, a permanência.

Ao aproximar essa tradição estética japonesa dos biomas brasileiros, a exposição propõe uma reflexão sobre pertencimento, responsabilidade e interdependência. Em um tempo marcado por crises ambientais e rupturas culturais, olhar a natureza por meio da arte é também reconhecer nossa relação com todas as formas de vida. A arte torna-se, assim, campo de consciência: convoca o olhar, desperta a memória e amplia a percepção ética do mundo que habitamos.

A presença das obras em kakejiku reforça essa dimensão contemplativa. Mais do que suporte, o kakejiku confere à pintura uma presença ritual, vertical e silenciosa. Convida o visitante a desacelerar e a estabelecer com a obra uma relação de escuta. Nesse encontro entre tradição japonesa e paisagem brasileira, a exposição e o catálogo tornam-se espaços de transmissão cultural, preservação de memória e criação de novos sentidos.

Art Beyond Boundaries Brazil não se limita a reunir obras de diferentes países. Constrói um território comum, onde artistas, instituições, embaixadas e públicos se encontram por meio da arte. No espaço simbólico do Senado Federal, a mostra reafirma que cultura e natureza não pertencem a fronteiras isoladas, mas constituem patrimônios compartilhados pela humanidade.

Nos vazios do papel, nas gradações da tinta e na simplicidade do traço, revelam-se infinitas possibilidades de contemplação. É nesse espaço sensível — entre o que se vê e o que se intui — que os biomas do Brasil se abrem ao mundo.

2. A tradição do sumi-e e do suibokuga

A pintura a tinta ocupa lugar singular na história das artes do Leste Asiático. Desenvolvida na China e introduzida no Japão com o budismo Chan, por volta do século XII, foi assimilada e transformada, dando origem a tradições que compartilham um mesmo princípio: revelar a essência da natureza por meio da simplicidade do gesto.

No Japão, essa tradição floresceu sob diferentes denominações. Suibokuga (水墨画), literalmente “pintura em água e tinta”, designa a tradição clássica da pintura monocromática e colorida desenvolvida a partir dos modelos chineses. Sumi-e (墨絵), “pintura com sumi”, tornou-se a designação mais difundida, especialmente quando associada à prática contemplativa, à síntese formal e à expressão pessoal do artista. Embora apresentem matizes históricos distintos, ambos os termos referem-se a uma linguagem fundamentada na expressividade da tinta, do pincel e do papel.

Essa linguagem nasce do encontro entre quatro elementos essenciais: a tinta (sumi), preparada a partir do bastão friccionado sobre a pedra (suzuri); o pincel (fude), cuja flexibilidade registra a energia do gesto; o papel (washi) ou a seda, que acolhem a tinta em sua absorção natural; e a água, responsável pelas infinitas gradações tonais. Mais do que instrumentos materiais, esses elementos constituem um sistema de pensamento estético. Cada pincelada é única e irrepetível. A tinta absorvida pelo papel não permite correções significativas, exigindo do artista concentração, presença e unidade entre intenção, respiração e movimento.

O vazio desempenha papel fundamental. Na tradição japonesa, o espaço vazio (ma) não representa ausência, mas presença potencial. O yohaku (余白) — a composição com o vazio — permite que a obra respire e convida o observador a completar, com sua própria sensibilidade, aquilo que permanece apenas sugerido. A observação da natureza constitui outro princípio essencial: flores, árvores, montanhas, rios e animais não são representados apenas por sua aparência externa, mas pela energia vital que manifestam. O artista procura captar o caráter e a essência do ser retratado, reduzindo a forma ao necessário.

Essa economia de meios aproxima o sumi-e de valores profundamente enraizados na cultura japonesa, como o wabi-sabi — a beleza da simplicidade, da impermanência e da imperfeição — e a contemplação silenciosa como caminho de conhecimento. A pintura deixa de ser mera representação para tornar-se prática de percepção e comunhão com a natureza.

No Brasil, o sumi-e chegou com os primeiros imigrantes japoneses no início do século XX e foi preservado por associações, mestres e famílias que transmitiram seus conhecimentos às gerações seguintes (denshō). Hoje, continua a renovar-se ao dialogar com as paisagens e os biomas brasileiros.

Em Art Beyond Boundaries Brazil, essa tradição encontra um novo campo de expressão. A linguagem ancestral do sumi dialoga com a riqueza ecológica do país, revelando que natureza, arte e humanidade compartilham a mesma origem: a capacidade de reconhecer, no gesto mais simples e no silêncio mais profundo, a beleza essencial da vida.

3. O kakejiku como presença artística e ritual

Na tradição artística japonesa, uma pintura não se completa apenas pela imagem que apresenta. Sua forma de exposição constitui parte integrante da obra e participa ativamente da experiência estética. É nesse contexto que se insere o kakejiku (掛軸), o tradicional rolo vertical utilizado para apresentar pinturas e caligrafias.

Muito além de um suporte, o kakejiku estabelece uma relação entre a obra, o espaço e o observador. Sua estrutura — composta por seda, papel, madeira e cordões cuidadosamente confeccionados — protege a pintura e, ao mesmo tempo, confere-lhe presença solene, transformando-a em elemento central do ambiente.

Tradicionalmente, os kakejiku são exibidos no tokonoma (床の間), o nicho de contemplação das residências e espaços cerimoniais japoneses. Nesse ambiente, a pintura dialoga com um arranjo floral , com um objeto de apreciação ou com elementos sazonais, formando uma composição que convida à contemplação silenciosa e à percepção da passagem do tempo. A escolha da obra nunca é aleatória: acompanha as estações, as celebrações e os momentos da vida, introduzindo uma dimensão temporal à pintura.

A estrutura vertical do kakejiku orienta o olhar em um movimento sereno, valorizando o equilíbrio entre imagem e vazio. Os tecidos que envolvem a pintura criam uma transição entre a obra e o espaço, ressaltando a delicadeza da composição.

Na tradição do sumi-e e do suibokuga, o kakejiku preserva ainda um importante aspecto de transmissão cultural. Ao longo dos séculos, pinturas e caligrafias foram cuidadosamente montadas e remontadas por artesãos especializados, permitindo que obras atravessassem gerações sem perder sua integridade. O suporte torna-se, assim, instrumento de preservação da memória artística.

Em Art Beyond Boundaries Brazil, a opção pelo kakejiku estabelece conexão direta com essa tradição. As obras respeitam a forma clássica de exibição da pintura oriental, permitindo que o público experimente não apenas a imagem, mas também a maneira como ela é concebida para habitar o espaço.

Ao ocupar as galerias do Senado Federal, os kakejiku transformam a arquitetura contemporânea em lugar de contemplação. Suspensas entre a verticalidade do papel e a leveza do vazio, as pinturas convidam o visitante a desacelerar o olhar e a reconhecer que, na tradição japonesa, a obra de arte não se limita ao que é pintado: ela se manifesta também na relação entre imagem, espaço, tempo e silêncio.

Hiromi Takano

PREFÁCIO

Tohun Kobayashi

Presidente da International Association of SUMI

Curador-Geral da Art Beyond Boundaries

Por ocasião a abertura da exposição ***Art Beyond Boundaries Brazil*** (*Arte sem Fronteiras – Brasil*) gostaria de expressar minhas mais sinceras felicitações, na qualidade de representante do Japão.

Nossa exposição anual de pintura a tinta, realizada no Centro Nacional de Arte de Tóquio, chega ao Brasil – um país que mantém profundos laços históricos com o Japão. Sua realização no cenário simbólico do Senado Federal constitui um poderoso testemunho da capacidade da arte transcender fronteiras, promover o diálogo entre cultura e natureza e aprofundar a compreensão mútua entre os povos.

A própria técnica de pintar com fuligem – material que mais tarde deu origem à tinta sumi – existe dede os tempos pré-históricos, quando era utilizada como pigmento negro nas pinturas rupestres. Desde o momento em que a humanidade passou a dominar o fogo e descobriu na fuligem um recurso natural, esse material acompanhou o desenvolvimento da civilização humana. Pintar com fuligem é uma prática artística compartilhada que vem sendo transmitida desde as origens da humanidade, e o sumi-e representa uma de suas expressões, hoje difundida em diversas partes do mundo.

Este projeto, fundamentado na tradição da pintura japonesa a tinta, é fruto de um esforço colaborativo que reúne artistas e instituições culturais de mais de vinte países. Juntos, buscamos reinterpretar temas como a memória ecológica, a identidade cultural e a responsabilidade compartilhada da humanidade. Essas perspectivas dialogam profundamente com os valores cultivados há séculos pelo sumi-e: a reverência à natureza, a contemplação silenciosa e a espiritualidade que habita o vazio.

A arte, para além da técnica ou do estilo, é uma manifestação da forma como o ser humano se relaciona com o mundo. Quando os artistas participantes retratam a presença da vida por meio das gradações da tinta e do movimento do pincel, surge um sentimento de empatia capaz de ultrapassar fronteiras nacionais e culturais. Esse é precisamente o espírito desta exposição: promover a cooperação cultural, fortalecer a consciência ambiental e incentivar o diálogo em favor de um futuro sustentável.

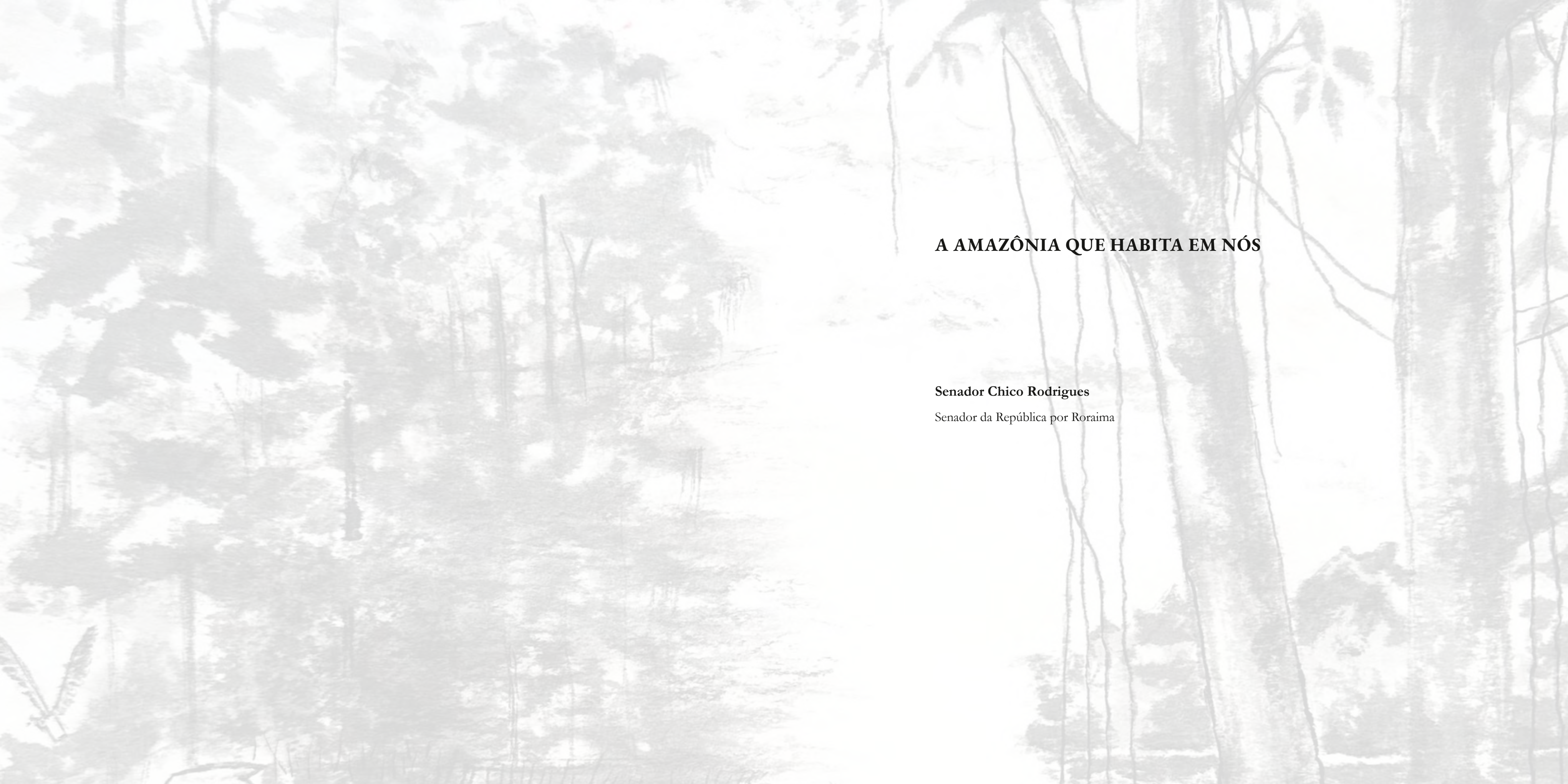
A exposição possui também grande relevância em sua dimensão educativa. Ao aproximar as artes tradicionais japonesas do patrimônio natural brasileiro – como as pinturas rupestres do Parque Nacional da Serra da Capivara – oferece ao público novas oportunidades de aprendizagem e contribui para a transmissão intergeracional da cultura, bem como para a formação de uma cidadania verdadeiramente global.

Como artista da pintura a tinta e como alguém dedicado ao intercâmbio cultural internacional, sinto uma profunda alegria ao ver concretizar-se uma iniciativa dessa natureza. O diálogo promovido por ***Art Beyond Boundaries Brazil*** não se encerrará com o término da exposição; ele se tornará um alicerce para futuras cooperações. Por meio deste projeto, reafirmamos que a arte possui o poder de conectar cultura e natureza, aproximando pessoas e promovendo o entendimento para além das fronteiras.

Manifesto meu mais profundo respeito a todos aqueles que contribuíram para a realização desta exposição e expresso o sincero desejo de que este projeto continue a expandir-se por diferentes regiões do mundo, consolidando-se como uma ponte cada vez mais sólida para a cooperação internacional.

PARTE I

ENSAIOS E PERSPECTIVAS



A AMAZÔNIA QUE HABITA EM NÓS

Senador Chico Rodrigues

Senador da República por Roraima

1 Pertencimento e identidade amazônica

Nasci em Recife, entre o azul do Atlântico e o calor humano do Nordeste brasileiro. Mas foi na Amazônia que construí minha vida, formei minha família, desenvolvi minha trajetória pública e aprendi algumas das mais importantes lições sobre o Brasil.

Há mais de cinquenta anos, quando cheguei ao então Território Federal de Roraima, encontrei uma região ainda em formação, marcada por desafios imensos, mas também por oportunidades extraordinárias. Vi cidades nascerem, estradas serem abertas, comunidades se consolidarem e gerações inteiras ajudarem a construir uma das regiões mais fascinantes do planeta. Por isso, embora pernambucano de nascimento, considero-me um amazônida por escolha, por convicção e por pertencimento.

A Amazônia não é apenas o lugar onde vivo. Ela passou a ser parte da minha própria identidade. Ao longo das décadas, aprendi que a floresta não pode ser compreendida apenas por imagens de satélite, relatórios técnicos ou estatísticas internacionais. A Amazônia é, antes de tudo, uma experiência humana. É o olhar do ribeirinho sobre o rio ao amanhecer. É a sabedoria dos povos tradicionais. É a coragem do pequeno produtor rural que transforma a terra em alimento. É a força silenciosa das mulheres e dos homens que vivem em comunidades distantes dos grandes centros urbanos, mas que ajudam diariamente a sustentar o equilíbrio ambiental do planeta.

Quem conhece verdadeiramente a Amazônia sabe que ela é muito mais do que um patrimônio natural. Ela é um patrimônio humano.

2 Preservar e desenvolver

Talvez por isso eu sempre tenha acreditado que o maior desafio amazônico não seja escolher entre preservar ou desenvolver. O verdadeiro desafio é aprender a fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Durante muito tempo, o debate sobre a Amazônia foi capturado por narrativas simplificadoras. De um lado, aqueles que enxergavam a floresta apenas como uma reserva intocável. De outro, os que a viam exclusivamente como uma fronteira econômica. Nenhuma dessas visões, isoladamente, é capaz de responder às necessidades do século XXI.

A Amazônia precisa ser preservada porque sua biodiversidade é única, seus rios são fundamentais para a segurança hídrica do continente e sua contribuição para o equilíbrio climático é reconhecida mundialmente. Mas a Amazônia também precisa gerar oportunidades para seus habitantes. Não existe sustentabilidade verdadeira quando milhões de brasileiros permanecem excluídos do desenvolvimento.

3 Agricultura familiar, ciência e planejamento territorial

Foi essa compreensão que orientou minha atuação pública desde os primeiros mandatos. Como engenheiro agrônomo, aprendi desde cedo que produzir e preservar não são atividades incompatíveis. Pelo contrário. Quando existe planejamento, ciência e responsabilidade, elas se fortalecem mutuamente.

Foi essa convicção que me aproximou da agricultura familiar. Ao visitar comunidades rurais ao longo de décadas, testemunhei histórias que raramente ocupam manchetes nacionais, mas que representam uma das maiores riquezas do Brasil. São pequenos produtores que cultivam alimentos, geram renda, mantêm suas famílias no campo e preservam tradições transmitidas entre gerações.

Na Amazônia, a agricultura familiar não é apenas uma atividade econômica. Ela é um instrumento de inclusão social, segurança alimentar e ocupação sustentável do território. Quando um pequeno agricultor recebe assistência técnica, acesso à tecnologia, equipamentos adequados e crédito rural, não estamos apenas ampliando sua produção. Estamos fortalecendo comunidades inteiras e criando alternativas econômicas compatíveis com a conservação ambiental.

Da mesma forma, acredito que a ciência deve ocupar posição central no futuro amazônico. A pesquisa agropecuária brasileira demonstrou ao mundo que é possível aumentar a produtividade, recuperar áreas degradadas, utilizar recursos naturais de forma racional e desenvolver soluções adaptadas às características de cada região. O conhecimento científico continuará sendo um dos principais aliados da sustentabilidade.

Mas nenhuma estratégia de desenvolvimento será duradoura sem planejamento territorial. É nesse contexto que o Zoneamento Ecológico-Econômico assume papel fundamental. Conhecer as vocações de cada área, identificar regiões prioritárias para conservação e estabelecer critérios claros para o uso sustentável dos recursos naturais é uma necessidade permanente.

A Amazônia precisa de regras claras, segurança jurídica e visão de longo prazo.

4 Infraestrutura, bioeconomia e transição energética

Precisamos valorizar aqueles que protegem a floresta. Precisamos criar mecanismos que recompensem serviços ambientais. Precisamos incentivar a bioeconomia. Precisamos transformar biodiversidade em conhecimento, inovação e prosperidade.

Ao mesmo tempo, não podemos ignorar a necessidade de infraestrutura. A ausência de estradas adequadas, energia confiável, conectividade digital e logística eficiente representa uma barreira histórica ao desenvolvimento da Região Norte. O desafio não é impedir obras. O desafio é realizá-las com responsabilidade ambiental, rigor técnico e respeito às populações locais.

O mundo atravessa uma profunda transformação energética. As nações buscam reduzir emissões, diversificar matrizes e construir economias mais sustentáveis. O Brasil possui condições excepcionais para liderar esse processo. Temos recursos naturais abundantes, matriz energética diversificada, capacidade tecnológica crescente e uma das maiores reservas de biodiversidade do planeta.

A transição energética não deve ser vista apenas como uma agenda ambiental. Ela representa uma oportunidade econômica, industrial e social capaz de gerar empregos, atrair investimentos e ampliar a competitividade nacional. Nesse cenário, a Amazônia pode desempenhar papel estratégico.

5 Ouvir a Amazônia e construir consensos

Um dos momentos mais simbólicos dessa nova etapa foi a realização da COP 30 em Belém do Pará. A realização daquela conferência internacional permitiu ao mundo olhar para a Amazônia a partir da perspectiva de quem vive nela.

Durante décadas, muitos falaram sobre a Amazônia. Agora é hora de ouvir a Amazônia. Ouvir seus pesquisadores. Ouvir seus empreendedores. Ouvir seus povos tradicionais. Ouvir seus agricultores. Ouvir sua juventude. Ouvir aqueles que diariamente transformam desafios em esperança.

Ao longo da minha vida pública, aprendi que os grandes projetos nacionais não nascem da imposição de ideias, mas da construção de consensos. O futuro da Amazônia dependerá justamente dessa capacidade de unir diferentes visões em torno de um propósito comum.

A floresta em pé. A população incluída. A economia fortalecida. A ciência valorizada. O desenvolvimento sustentável transformado em realidade. Quando observo as paisagens amazônicas retratadas nesta exposição, não vejo apenas árvores, rios ou horizontes verdes.

Vejo histórias. Vejo pessoas. Vejo gerações. Vejo o passado que nos formou e o futuro que temos a responsabilidade de construir. Porque a Amazônia não pertence apenas aos amazônidas. Ela pertence ao Brasil. E, de certa forma, pertence também à esperança que o mundo deposita na capacidade humana de conciliar progresso e preservação.

Este é o desafio do nosso tempo. E esta é a missão que devemos abraçar juntos.



ARTE E DIPLOMACIA CULTURAL ENTRE BRASIL E JAPÃO

Embaixador Teiji Hayashi

Embaixador para Diplomacia Pública, Saúde Global, Cooperação do Mekong e Assuntos Econômicos Internacionais do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão

Embaixador do Japão no Brasil de 2021 a 2025

Por ocasião da realização da exposição “Art beyond boundaries” no Brasil

Um novo horizonte da arte Sumi-e na América do Sul

O Brasil, onde diversas etnias e culturas se misturam, continua a emitir um brilho único no mundo. Nesta terra da América do Sul, tem início a exposição “**Art beyond boundaries**” (*Arte sem Fronteiras – Brasil*), principalmente com pinturas de Sumi-e. Trata-se de uma exposição de intercâmbio internacional na qual artistas de mais de 20 países, incluindo o Japão e o Brasil, apresentam suas obras e buscam o diálogo. A mensagem do tema proposto pela exposição, “Não há fronteiras no amor pela arte”, é clara e reveste-se de grande significado no mundo da arte e na sociedade internacional atual.

Participantes com diferentes idiomas, histórias e contextos culturais se colocam lado a lado, diante de elementos extremamente simples, como tinta, papel e pincel, projetando seu espírito artístico em suas obras. A cultura da “Sumi” (tinta preta), que se desenvolveu de forma única em regiões limitadas do Leste de Ásia, incluindo o Japão, ultrapassou o tempo e o espaço, cruzou os oceanos e passou a ampliar seus horizontes também aqui, em solo brasileiro.

A redescoberta da universalidade e do caráter inovador da “pintura a tinta”

A “pintura a tinta” é uma forma de pintura baseada no monocromático, na qual se desenha esfregando a “tinta” produzida a partir do carbono de madeira. Sua característica reside na expressão do motivo em preto e branco, valendo-se dos tons de intensidade da tinta, dos esfumados e dos traços do pincel (como manchas e borrões). Ao contrário do realismo rigoroso e dos jogos de luz e sombra da pintura ocidental, outra característica é captar subjetivamente a essência do motivo, simplificando-o ou aproveitando os espaços em branco no papel.

Diz-se que “no sumi há cinco cores”. Embora o sumi seja apenas preto, ele produz cinco tons — ou até mesmo uma graduação infinita de tons — dependendo da quantidade de água, do manejo do pincel e do tipo de papel. Além disso, ao controlar o esmaecimento e o desbotamento, é possível expressar até mesmo cores, sensação de volume e textura.

O espaço em branco é deixado à imaginação do apreciador. Por exemplo, ao optar por não pintar o fundo, destaca-se a amplitude do espaço, o silêncio e a presença. Em vez de retratar o motivo de forma realista, ao simplificá-lo ou omitir detalhes, pratica-se o “Shai” (refletir o espírito), que expressa subjetivamente a essência do motivo e o mundo interior e a espiritualidade do artista. A pintura com tinta preta foi transmitida da China para o Japão a partir do século XIII por monges da escola budista Zen; sua beleza simples, despojada de todo o supérfluo, está em sintonia com o espírito Zen (wabi-sabi), e a prática dessa arte também possui um aspecto de cultivo espiritual.

No entanto, a ideia de “expressar objetos diversos com o mínimo de elementos artísticos” não é, de forma alguma, algo antigo e restrito à Sumi-e no Japão. Pelo contrário, na arte contemporânea, ela está profundamente interligada com o minimalismo, o expressionismo abstrato e a arte conceitual. Nesse sentido, Sumi-e está sendo reavaliada como uma técnica pictórica universal e avançada.

Os motivos e formas de expressão tradicionais herdados pelos artistas japoneses da pintura a tinta, expressões dinâmicas inspiradas na rica natureza e na sociedade multicultural dos artistas brasileiros, e expressões criadas por artistas de outros países utilizando suas tradições e senso estético de seus próprios países... As obras desta exposição estão repletas de tentativas diversificadas e inovadoras que vão além da “Sumi-e” tradicional japonês.

A transmissão e a herança da cultura da “tinta” pelos imigrantes nipo-brasileiros

O fato de esta exposição estar sendo realizada aqui no Brasil e de artistas de mais de 20 países terem se unido por meio da “Sumi-e” não é, de forma alguma, uma coincidência. Por trás disso está a trajetória de mais de 100 anos dos imigrantes nipo-brasileiros e a grandiosa história de como eles transmitiram e preservaram a cultura do “Sumi” nesta terra.

Desde 1908, quando o navio Kasato Maru chegou ao porto de Santos, muitos japoneses chegaram ao Brasil em busca de uma nova vida. As provações enfrentadas pelos imigrantes — como o trabalho extenuante nas plantações de café, o desmatamento de florestas virgens, as barreiras linguísticas e culturais e as dificuldades vividas durante a Segunda Guerra Mundial — são indescritíveis. Em meio às dificuldades do dia a dia, foram a cultura e as tradições japonesas que serviram de âncora para o ânimo dos imigrantes e desempenharam o papel de preservar sua identidade. Muitos imigrantes trouxeram tinta, pincéis e obras de caligrafia e pintura japonesas nas poucas malas — apenas duas ou três — que conseguiram trazer do Japão. E assim, transmitiram a arte do sumi-e e shodo (caligrafia) para suas famílias e comunidades locais.

Para os imigrantes nipo-brasileiros de primeira geração, moer a tinta e traçar linhas no papel branco significava rememorar a distante terra natal, manter o espírito japonês e sobreviver à dura realidade. Posteriormente, a cultura do “sumi” foi transmitida às segundas e terceiras gerações, adaptando-se ao ambiente e à cultura do Brasil.

A sociedade brasileira demonstrou generosidade ao aceitar essa cultura da tinta preta e ao desenvolvê-la criativamente como algo próprio. Atualmente, todos os anos, em muitas cidades do Brasil, são realizados Festivais do Japão, que reúnem até duzentos mil visitantes; e nesses eventos, é quase certo que haja exposições e oficinas de Sumi-e e caligrafia, que atraem grande público.

Nesta ocasião, além das minhas duas obras (*Carcará sobre Ipê*, e *Tamandua-bandeira*), estão expostas diversas obras que abordam a natureza, a flora e a fauna do Brasil, com foco no Cerrado — temas que tradicionalmente não são abordados no Japão. Isso é prova de que o sumi-e no Brasil está evoluindo de uma mera manifestação da arte tradicional japonesa para se tornar um campo próprio da arte brasileira.

Dessa forma, a muda de cultura de tinta preta plantada em solo brasileiro cresceu até se tornar uma árvore imponente graças aos cuidados apaixonados da comunidade nipo-brasileira, tornando-se hoje um pilar do mundo artístico brasileiro. Além disso, junto à difusão do “shodo” (caligrafia), o Brasil passou a desempenhar o papel de centro de difusão da cultura do “sumi” na América do Sul.

A arte não tem fronteiras, e o artista é um diplomata

Por mais que as tensões políticas se intensifiquem e as fronteiras sejam traçadas com rigor, não é possível impedir o desejo humano de “criar beleza e compartilhar essa beleza”. A frase que dá tema a esta exposição, “O amor pela arte não conhece fronteiras”, não é um mero slogan idealista, mas uma verdade inabalável comprovada pela humanidade ao longo da história.

O Brasil é, precisamente, um país que simboliza essa “transcendência de fronteiras e intercâmbio”. Além dos povos indígenas, o país acolheu imigrantes da Europa, da África e da Ásia, e as respectivas culturas influenciaram-se mutuamente, acabando por se fundir e formar uma cultura única brasileira. A cultura do “sumi” trazida pelos imigrantes nipo-brasileiros também faz parte desse processo.

Ao entrar na exposição “Art beyond boundaries”, o visitante se desfaz dos limites impostos pela nacionalidade e pela geopolítica, passando a se deparar diretamente com a obra em si. No momento em que se ultrapassa a barreira do idioma e se estabelece uma conexão profunda com a obra apenas por meio da visão e da sensibilidade, as fronteiras físicas deixam de existir.

Robert Rauschenberg, pintor e artista contemporâneo representativo dos Estados Unidos, emitiu uma declaração no auge da Guerra Fria afirmando que “a arte não tem fronteiras, e o artista é um diplomata”.

“Art has no borders. An artist is a diplomat, a prophet, a historian, a poet and a calendar of art nourishment of morality and energy.”

Nos últimos anos, em uma sociedade internacional marcada por conflitos frequentes, o significado dessa declaração é de grande peso. O cientista político norte-americano Joseph Nye defendeu a importância não apenas do “poder duro” — representado pelo poder militar e econômico —, mas também do “poder brando”, que consiste em conquistar a empatia e a confiança de outros países por meio da cultura, das artes, dos valores e da academia; ou seja, da diplomacia pública. Atualmente, a diplomacia pública ocupa um lugar importante em muitos países, e o Japão, por meio da colaboração entre o governo e o setor privado, divulga o charme do país no exterior por meio das artes tradicionais, da cultura pop — como mangás

e animes —, da cultura gastronômica e da língua japonesa, ao mesmo tempo em que aprofunda a compreensão e o intercâmbio com muitas pessoas. No entanto, a essência da diplomacia pública não consiste na imposição unilateral da cultura própria nem na propaganda. Trata-se de um “diálogo bidirecional” baseado na empatia e no respeito mútuos pelas culturas, e na construção de relações.

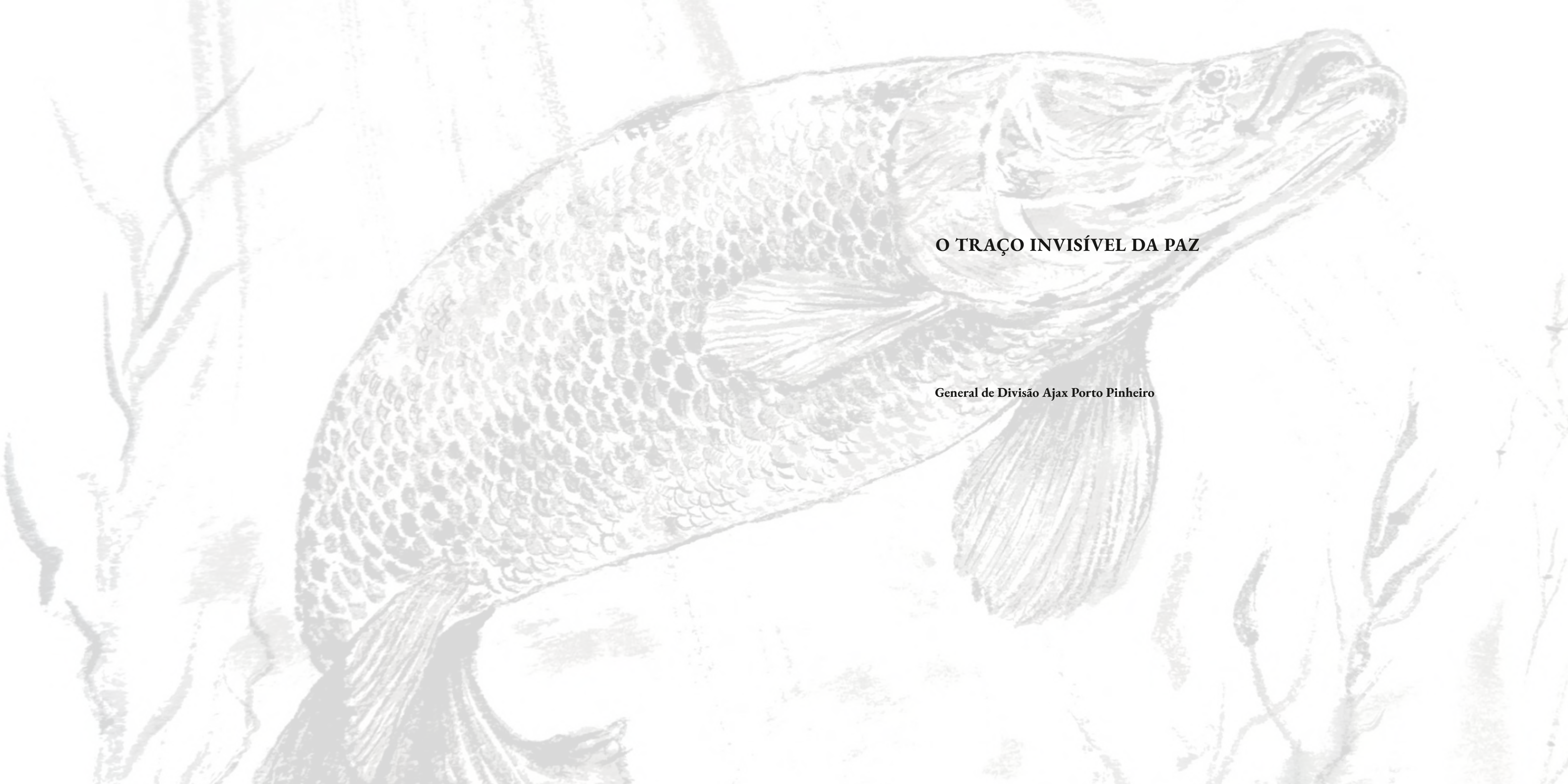
Como diplomata de carreira, eu costumo dizer que “a base das relações entre os países está nas relações entre as pessoas”. Nesse sentido, todos os artistas e visitantes que participam desta exposição são “diplomatas” que conectam diversas formas de arte e pessoas além das fronteiras, construindo os alicerces das relações internacionais. A empatia e o respeito que aqui nascem permanecerão profundamente gravados no coração dos artistas e dos visitantes , tornando-se a base que sustenta a paz e a cooperação internacional.

A pintura a tinta preta, tradição cultural de que o Japão se orgulha, não deve ser isolada como algo exclusivo do Japão, mas sim aberta ao mundo, confiando suas possibilidades de expressão aos artistas de cada país. É justamente essa série de ações de abertura e compartilhamento que forma novas formas de criatividade e redes de contato, tornando-se o “soft power“ de toda a sociedade internacional. A compreensão mútua por meio da arte não deve se limitar apenas a esta exposição.

A “partitura de tinta” do Brasil para o mundo

A sociedade internacional em que vivemos hoje é, por vezes, obscura por divisões e conflitos. No entanto, é justamente por isso que o valor da “arte que ultrapassa fronteiras”, como esta exposição, se destaca. O mundo monocromático tecido pela tinta preta e pelo papel branco é como uma “partitura” que acolhe as diversas vozes do mundo inteiro. Aquela gota de tinta que os imigrantes nipo-brasileiros trouxeram para esta terra se transformou agora em um grande rio e, juntamente com artistas de vários países, ressoará como uma bela e grandiosa sinfonia internacional na exposição “Art beyond boundaries”.

Ao final, gostaria de expressar meu sincero respeito e gratidão à Hiromi, à Mikha, aos mestres Tohun Kobayashi e Tohsei Kobayashi, que dedicaram uma paixão extraordinária à realização desta exposição; a todos os artistas participantes; aos membros do Senado do Brasil, liderados pelo senador Chico Rodrigues, que endossaram o propósito da exposição e nos deram um apoio imenso; e, acima de tudo, a todos os visitantes que compareceram à exposição. *ARIGATO!*



O TRAÇO INVISÍVEL DA PAZ

General de Divisão Ajax Porto Pinheiro

"Há quem veja apenas tinta sobre o papel. Outros enxergam uma montanha, um rio ou um bambu. Com o tempo aprendi que o sumi-e nunca retrata apenas a paisagem. Ele procura revelar o equilíbrio invisível que mantém todas as coisas vivas."

1 O sumi-e e a aprendizagem da serenidade

Sempre acreditei que existem lições que não podem ser aprendidas apenas nos livros. Algumas exigem que caminhemos por estradas marcadas pela incerteza, atravesemos fronteiras invisíveis e encontremos povos cuja esperança resiste mesmo quando quase tudo ao redor parece ter desaparecido. Foi assim que compreendi o verdadeiro significado da paz.

Curiosamente, muitos anos depois, encontrei essa mesma compreensão na delicadeza da pintura japonesa sumi-e e na filosofia do satoyama. Ambos ensinam que a harmonia não nasce da ausência de conflitos, mas da busca permanente pelo equilíbrio.

No sumi-e, cada pincelada é definitiva. Não há espaço para correções. O artista precisa respirar, observar o vazio e encontrar o instante exato em que tinta, papel e espírito se tornam um só.

Na liderança militar, descobri que muitas decisões possuem a mesma natureza. Há momentos em que um comandante dispõe apenas de alguns segundos para decidir, sabendo que aquela decisão poderá influenciar a vida de milhares de pessoas. Nesses instantes, a serenidade vale tanto quanto a coragem.

Foi essa serenidade que comecei a aprender em minha primeira missão das Nações Unidas, em El Salvador. O conflito armado chegava ao fim, mas a paz ainda parecia distante. Os acordos haviam sido assinados; entretanto, as marcas da guerra permaneciam gravadas nas pessoas. Percebi, então, que o verdadeiro desafio não consistia apenas em verificar o cumprimento de tratados, mas em testemunhar o lento renascimento da confiança.

As cidades voltavam a respirar. Crianças retornavam às escolas. Agricultores reaprendiam a cultivar a terra. Aos poucos, compreendi que a paz não se impõe; ela se cultiva.

2 Satoyama e a reconstrução da confiança

Essa talvez seja a maior aproximação entre as missões de paz e o satoyama. Na tradição japonesa, satoyama representa a convivência harmoniosa entre a floresta, os campos, as águas e as comunidades humanas. Nada existe isoladamente. Cada elemento fortalece o outro. Quando um deles se desequilibra, todo o conjunto sofre.

Também as sociedades funcionam assim. A violência raramente nasce de um único fator. Ela surge quando sucessivos desequilíbrios corroem a confiança, enfraquecem as instituições, aprofundam desigualdades e rompem os laços entre as pessoas.

Foi esse aprendizado que reencontrei muitos anos depois, ao assumir o comando da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti. Ali encontrei um país extraordinário. Poucos povos enfrentaram tantos desafios históricos. Revoluções, crises políticas, pobreza, desastres naturais e instabilidade pareciam suceder-se continuamente. Ainda assim, jamais encontrei um povo derrotado. Encontrei dignidade. Encontrei esperança. Encontrei pessoas que continuavam acreditando que o futuro poderia ser melhor.

Essa esperança tornou-se nossa maior responsabilidade. Ao longo daqueles anos, homens e mulheres de dezenove nacionalidades serviram sob um mesmo compromisso: proteger vidas e criar condições para que os próprios haitianos reconstruíssem seu país.

O chamado “estilo brasileiro” de pacificação nasceu justamente dessa compreensão. Segurança nunca significou apenas patrulhamento. Significava caminhar pelas comunidades. Conversar. Ouvir. Construir confiança. Era comum ver nossos soldados distribuindo água, prestando atendimento médico, recuperando escolas, reconstruindo estradas e brincando com crianças poucas horas depois de participarem de operações de segurança. Alguns poderiam enxergar atividades distintas. Nós sabíamos que eram partes da mesma missão.

No Sumie, não existe separação entre o bambu e o vento que o movimenta, entre a montanha e a neblina que a envolve. Tudo faz parte da mesma paisagem. Também não existe paz sem dignidade. Nem desenvolvimento sem segurança. Nem segurança duradoura sem respeito à população.

3 Quando a natureza também exige liderança

Foi então que a própria natureza resolveu colocar à prova essa compreensão. Em outubro de 2016, o Furacão Matthew atingiu violentamente o sul do Haiti. Ao sobrevoarmos as áreas devastadas, a sensação era de contemplar uma paisagem inteiramente redesenhada pela força dos ventos. Estradas haviam desaparecido. Pontes tinham sido destruídas. Árvores centenárias jaziam arrancadas pela raiz. Povoados inteiros permaneciam isolados.

Naquele cenário, a missão ganhou um significado ainda mais profundo. Já não se tratava apenas de preservar a estabilidade política, mas de preservar vidas.

Vi soldados de diferentes bandeiras trabalhando lado a lado para abrir caminhos, transportar alimentos, levar medicamentos e alcançar comunidades completamente isoladas. Naqueles dias, compreendi que o verdadeiro sentido de uma missão de paz não está na capacidade de controlar um território, mas na disposição de servir às pessoas quando elas mais necessitam.

Talvez seja exatamente isso que o sumi-e procura ensinar por meio do espaço em branco. O vazio nunca representa ausência. Ele representa possibilidade. Assim também acontece depois de uma guerra ou de um desastre natural. Aquilo que parece vazio é, na verdade, o espaço onde uma nova história poderá ser construída.

4 O traço invisível da paz

Hoje, ao olhar para minha trajetória, percebo que jamais comandeí apenas operações militares. Tive o privilégio de participar da reconstrução de esperanças.

Aprendi que liderança não consiste em ocupar a posição mais elevada, mas em criar condições para que outros possam seguir adiante. Aprendi que coragem não se manifesta apenas diante do perigo, mas também na paciência necessária para ouvir, dialogar e construir consensos.

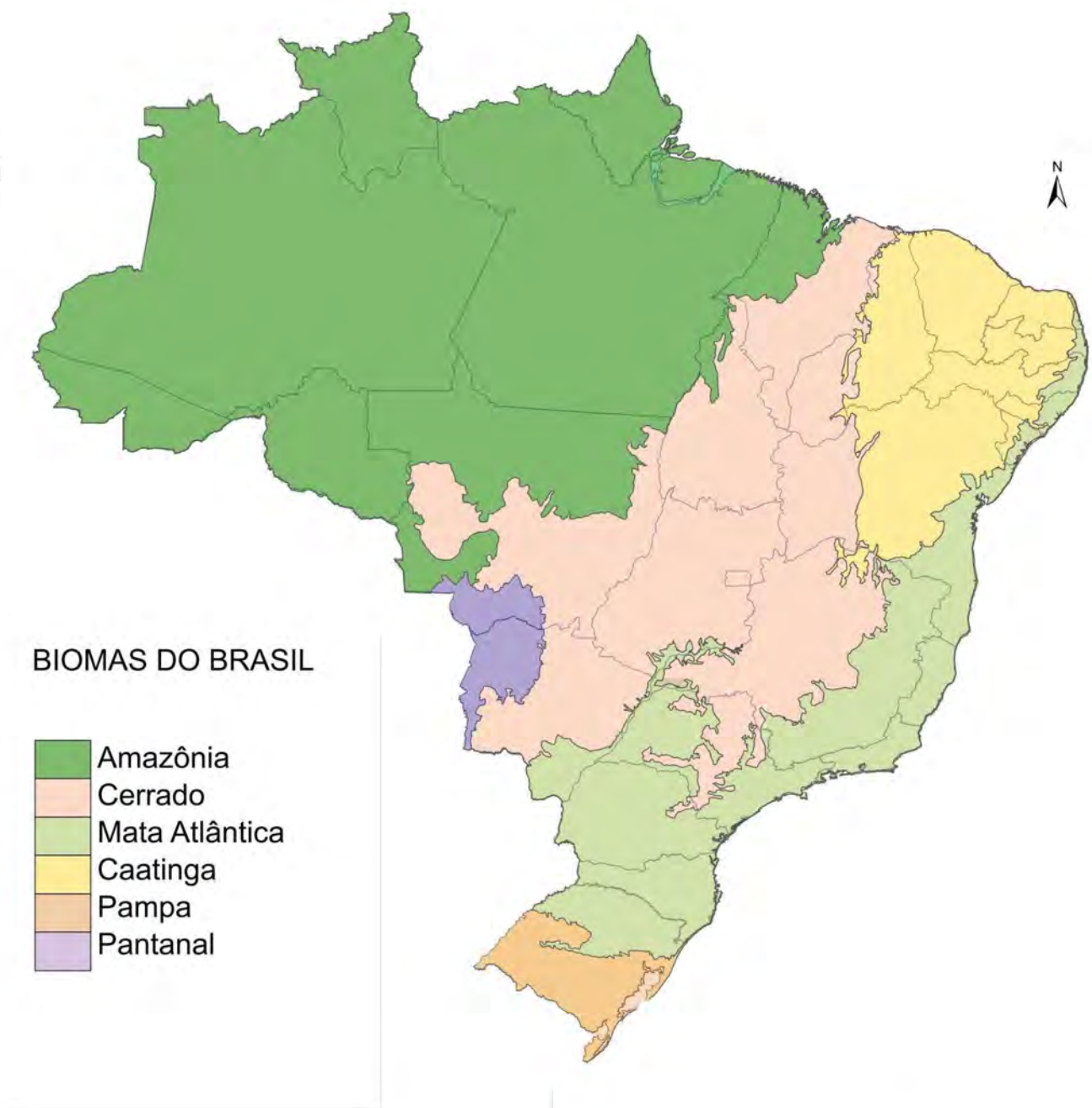
Aprendi, sobretudo, que a paz é semelhante a uma pintura em sumie. Ela nunca depende da quantidade de tinta empregada, mas da precisão de cada gesto, do equilíbrio entre força e delicadeza e da compreensão de que toda grande obra nasce do respeito aos espaços que unem, e não apenas daqueles que nos separam.

Talvez seja essa a maior lição que El Salvador, o Haiti e tantos companheiros de missão deixaram em minha vida. Assim como o artista oriental jamais pretende dominar a natureza, mas aprender com ela, também nós, soldados da paz, compreendemos que nenhuma sociedade floresce pela imposição. Ela floresce quando encontra seu próprio equilíbrio.

E talvez seja justamente esse o traço invisível que une a filosofia do satoyama, a simplicidade do Sumie e a missão silenciosa daqueles que dedicam a vida à construção da paz.



NATUREZA, CULTURA E POÉTICA DOS BIOMAS BRASILEIROS



Fonte: Adaptado de IBGE (2024). *Bioma Predominante por Município para Fins Estatísticos*.
Adaptação de Clara Maria. Adaptação de Clara Castilho Oliveira.

Os Biomas Brasileiros como Territórios Poéticos

Leandro Faleiros Garcia

Mestre em Zoologia. Especialização em Geoprocessamento Ambiental e Gestão Ambiental.

Bioma Amazônico

A Amazônia é uma floresta de águas, luzes e silêncio. Em sua imensidão, rios serpenteiam como veias vivas, árvores centenárias erguem-se em direção ao céu e uma infinidade de seres compartilham um equilíbrio moldado ao longo de milhões de anos. Maior floresta tropical contínua do planeta e o maior bioma do Brasil, ela ultrapassa fronteiras geográficas para tornar-se um patrimônio da humanidade, essencial à vida na Terra.

A floresta pulsa em incontáveis formas de vida. Suas árvores monumentais, como a sumaúma, a castanheira-da-amazônia e a seringueira, sustentam uma complexa rede ecológica que acolhe bromélias, orquídeas, cipós, samambaias, musgos e plantas medicinais conhecidas há séculos pelos povos originários. Sobre as águas tranquilas floresce a vitória-régia, cujas folhas parecem repousar entre o reflexo do céu e o espelho dos rios, símbolo da delicadeza que também habita a grandiosidade da floresta.

Cada amanhecer revela um concerto de vozes. Araras e tucanos cruzam os céus em cores vibrantes; a harpia observa silenciosamente do alto das copas; macacos percorrem os galhos; preguiças movem-se no ritmo paciente das árvores. No interior da mata, a onça-pintada percorre seu território com discrição e força, enquanto a anta espalha sementes que darão origem às futuras florestas. Nas águas vivem o pirarucu, um dos maiores peixes de água doce do mundo, o peixe-boi-da-amazônia e o misterioso boto-cor-de-rosa, cuja presença inspira histórias contadas de geração em geração.

Entre seus habitantes encontram-se espécies que existem apenas nesse bioma, como o delicado sauí-de-coleira, pequeno primata ameaçado de extinção. Milhares de outras espécies permanecem desconhecidas pela ciência, lembrando que a Amazônia continua sendo um vasto território de descobertas. Cada planta, fungo, inseto, ave, peixe ou mamífero desempenham um papel insubstituível na polinização, na dispersão de sementes, na renovação dos solos e na manutenção do equilíbrio ecológico. Na floresta, nenhuma forma de vida existe isoladamente; todas participam de uma mesma trama, onde a perda de um único fio pode afetar a harmonia do conjunto.

As águas moldam a identidade da Amazônia. A maior bacia hidrográfica do planeta alimenta rios que percorrem milhares de quilômetros, levando vida às florestas e às populações que delas dependem. Das copas sobe o vapor que forma os chamados “rios voadores”, correntes invisíveis de umidade que atravessam o continente, distribuindo chuvas e ajudando a regular o clima muito além da Amazônia. Ao armazenar grandes quantidades de carbono, a floresta também desempenha um papel fundamental na estabilidade climática global, tornando sua preservação indispensável para o equilíbrio ambiental do planeta.

A Amazônia é igualmente um território de memória e imaginação. Os povos indígenas e as comunidades tradicionais, guardiões de conhecimentos acumulados ao longo de milênios, ensinam que a floresta é mais do que um conjunto de recursos naturais: ela é uma comunidade de vidas interligadas. Dessa convivência nasceram narrativas que atravessam o tempo. O Curupira, protetor das matas, recorda o respeito devido à floresta. A Iara guarda os mistérios das águas. O boto-cor-de-rosa transita entre o real e o encantado. A Vitória-Régia floresce como símbolo de transformação e esperança a Cobra-Grande, ou Boiúna, expressa a força profunda dos rios amazônicos. Mais do que lendas, essas histórias revelam uma forma de compreender a natureza como um espaço de equilíbrio, reciprocidade e reverência.

A riqueza da Amazônia não se mede apenas pelo número de espécies que abriga, mas pelas relações que sustenta. Cada árvore que cresce, cada flor que desabrocha, cada ave que voa e cada rio que corre participa de um ciclo contínuo que torna possível a vida. nessa imensa rede, ciência e tradição se encontram para revelar que conservar a biodiversidade é preservar também o conhecimento, a cultura, a água, o clima e as possibilidades do futuro.

A Amazônia permanece como uma das maiores expressões da vida sobre a Terra. Sua grandeza não está apenas na extensão de suas florestas ou na abundância de seus rios, mas na harmonia silenciosa que une todas as formas de existência. Contemplá-la é reconhecer que a natureza não é apenas o cenário da vida, mas sua própria essência; proteger esse patrimônio é preservar um legado que pertence às gerações presentes e futuras..

Bioma Caatinga

Único bioma exclusivamente brasileiro, a Caatinga é marcada pela alternância entre longos períodos de seca e a renovação trazida pelas chuvas, revela uma beleza singular, onde resistência e adaptação caminham lado a lado. Sob o aparente rigor do clima, desenvolve-se um ecossistema rico em biodiversidade, moldado por milhões de anos de evolução e profundamente integrado à cultura do sertão.

Sua vegetação é formada por cactos, arbustos e árvores capazes de conservar água e florescer com vigor quando a chuva retorna. Mandacarus, xique-xiques, juazeiros, umbuzeiros, aroeiras e carnaúbas compõem uma paisagem que se transforma ao longo das estações, oferecendo alimento, abrigo e proteção para inúmeras espécies. Muitas dessas plantas possuem importante valor ecológico, medicinal e cultural, sustentando a vida humana e animal em um ambiente de condições extremas.

A fauna da Caatinga revela uma impressionante capacidade de adaptação. O tatu-bola, símbolo do bioma, divide seu habitat com o mocó, o veadocatingueiro, o tamanduá-a-mirim, a onça-parda e o gato-do-mato. Nos céus, araras-azuis-de-lear, asa-brancas, seriemas e carcarás encontram alimento entre a vegetação, enquanto répteis, anfíbios e uma rica diversidade de insetos desempenham funções essenciais para a polinização, a dispersão de sementes e o equilíbrio dos ecossistemas. Muitas dessas espécies são endêmicas, existindo apenas na Caatinga.

Mesmo sob um clima semiárido, a Caatinga desempenha papel fundamental na conservação dos solos, na proteção das nascentes temporárias, no armazenamento de carbono e na manutenção da biodiversidade do Nordeste brasileiro. Sua extraordinária capacidade de regeneração demonstra que a vida floresce mesmo onde a água é escassa.

Os povos do sertão desenvolveram, ao longo dos séculos, uma profunda relação com esse ambiente, reunindo conhecimentos sobre os ciclos das chuvas, as plantas medicinais e os recursos naturais. O imaginário popular também habita essa paisagem por meio de figuras como a Caipora, guardiã dos animais e das matas, e das histórias do Boitatá, que lembram o respeito devido à natureza e aos seus ciclos.

Na Caatinga, a força da vida manifesta-se na capacidade de resistir, florescer e recomeçar. Cada flor que surge após a chuva, cada canto de ave e cada cacto que desfia a seca revelam que a verdadeira riqueza desse bioma está em sua resiliência. Sua preservação assegura a continuidade de um patrimônio exclusivamente brasileiro, onde natureza, cultura e esperança permanecem profundamente entrelaçadas.

Bioma Cerrado

O Cerrado é a savana mais rica em biodiversidade do planeta e o segundo maior bioma do Brasil. Sob seus campos abertos, árvores de troncos retorcidos e flores que despontam entre as gramíneas, revela-se uma paisagem moldada pela resistência, onde o fogo natural, as chuvas e a seca renovam continuamente os ciclos da vida. Sua aparente simplicidade abriga uma extraordinária diversidade de espécies ee faz do Cerrado um dos principais sustentáculos do equilíbrio hídrico da América do Sul.

Sua vegetação reúne campos, veredas, matas de galeria e cerradões, formando um mosaico de ecossistemas. Árvores como o pequizeiro, o ipê-amarelo, a lobeira, a sucupira e o barbatimão convivem com buritis que acompanham nascentes e cursos d’água. Entre flores, arbustos e gramíneas, milhares de espécies oferecem alimento e abrigo para uma rica comunidade de polinizadores e dispersores de sementes.

A fauna do Cerrado expressa a singularidade desse bioma. O lobo-guará percorre silenciosamente os campos, enquanto o tamanduá-bandeira, o tatu-canastra, o veadocampeiro e a ema representam a força e a diversidade da vida terrestre. Nos céus, araras, seriemas e tucanos dividem espaço com aves de rapina, e nos rios e veredas vivem peixes, anfíbios e inúmeras outras espécies adaptadas às águas cristalinas. Muitas delas são endêmicas, existindo apenas nesse ambiente, onde cada organismo desempenha um papel indispensável na manutenção do equilíbrio ecológico.

Conhecido como “o berço das águas”, o Cerrado abriga nascentes que alimentam algumas das principais bacias hidrográficas da América do Sul. Suas raízes profundas favorecem a infiltração da água, recarregam aquíferos, protegem os solos e contribuem para a regulação do clima, tornando este bioma essencial para a biodiversidade e para o abastecimento de milhões de pessoas.

Os povos indígenas e as comunidades tradicionais preservam, há gerações, conhecimentos sobre frutos, plantas medicinais e ciclos naturais. Lendas como a do Boitatá, guardião dos campos, da Caipora, protetora dos animais silvestres, e do Saci, que percorre os redemoinhos do cerrado, expressam o respeito pela natureza e a compreensão de que toda forma de vida merece cuidado.

No Cerrado, a beleza revela-se na força daquilo que resiste. Cada flor que desponta após a seca, cada nascente protegida e cada árvore de raízes profundas testemunham a extraordinária capacidade da natureza de renovar a vida. É dessa paisagem que brotam águas, espécies e culturas que sustentam a vida muito além de seus limites.

Bioma Mata Atlântica

A Mata Atlântica é uma floresta de neblinas, montanhas, rios e mares, onde a exuberância da vida se revela em cada detalhe. Estendendo-se ao longo da costa brasileira e avançando pelo interior, esse bioma abriga uma das maiores concentrações de biodiversidade do planeta. Mesmo profundamente transformada ao longo dos séculos, a floresta remanescente continua sendo um refúgio indispensável para milhares de espécies e para milhões de pessoas.

Sua vegetação forma um rico mosaico de florestas densas, restingas, manguezais, araucárias e campos de altitude. Jequitibás centenários, palmitos-juçara, ipês, quaresmeiras, figueiras e araucárias erguem-se ente bromélia, orquídeas, samambaias e uma infinidade de plantas que florescem sob a sombra da mata, criando um ambiente de extraordinária beleza e complexidade.

A fauna da Mata Atlântica é igualmente singular. O miqui, maior primata das Américas, desloca-se pelas copas das árvores; o mico-leão-dourado tornou-se símbolo da conservação da biodiversidade; a onça-pintada, a anta e a jaguatirica percorrem os remanescentes florestais, enquanto tucanos, jacutingas, saíras, beija-flores e inúmeras espécies de borboletas levam cor e movimento à floresta. Muitas dessas espécies são endêmicas, existindo apenas neste bioma, o que torna sua preservação ainda mais essencial.

Desde tempos ancestrais, povos indígenas aprenderam a reconhecer os ciclos da floresta e a conviver com sua diversidade. Nesse cenário nasceram histórias como a da Caipora, guardiã dos animais e das matas, e do Curupira, protetor das florestas, cujas pegadas voltadas para trás confundem aqueles que desrespeitam a natureza. Essas narrativas preservam a memória de que toda floresta merece cuidado e reverência.

Na Mata Atlântica, cada árvore, nascente e canto de ave revela a extraordinária capacidade da natureza de renovar a vida. Cada fragmento preservado mantém viva uma história em que biodiversidade, água, clima e cultura permanecem profundamente entrelaçados, lembrando que o futuro também floresce nas florestas que escolhemos conservar.

Bioma Pampa

Nos campos abertos do extremo sul do Brasil, o Pampa revela horizontes onde o vento percorre paisagens sem fim e o céu parece encontrar a terra em uma linha contínua. Exclusivo do sul do Brasil, esse bioma compartilha sua extensão com o Uruguai e a Argentina, formando uma vasta região de campos naturais cuja beleza se revela na aparente simplicidade e na delicada harmonia entre gramíneas, arbustos, rios e banhados.

Sua vegetação é composta por centenas de espécies de gramíneas, flores silvestres e pequenas plantas que, ao longo das estações, transformam os campos em um mosaico de cores e texturas. Capões de mata, butiazais, banhados e matas ciliares enriquecem a paisagem, oferecendo abrigo para uma extraordinária diversidade de formas de vida. entre suas espécies vegetais destacam-se o butiazeiro, o espinilho e inúmeras plantas nativas de grande importância ecológica e medicinal.

A fauna do Pampa é marcada pela elegância e pela resistência. O veado-campeiro percorre livremente os campos, enquanto o graxaim-do-campo, o gato-do-mato, a capivara e o tatu-mulita encontram refúgio entre a vegetação. Nos céus, o majestoso quero-quero, ave-símbolo da região, divide espaço com o cardeal-amarelo, corujas, gaviões e outras aves que dependem dos campos naturais para sobreviver. Muitas dessas espécies são exclusivas ou altamente adaptadas a esse ambiente, onde cada organismo desempenha um papel essencial no equilíbrio ecológico.

Os campos do Pampa protegem o solo contra a erosão, favorecem a infiltração da água, armazenam carbono em suas extensas raízes e contribuem para a conservação de rios, banhados e aquíferos. Sua biodiversidade sustenta complexas relações entre plantas, polinizadores, aves e mamíferos, demonstrando que a riqueza da natureza também floresce nas paisagens abertas.

Ao longo dos séculos, povos indígenas e comunidades campeiras construíram uma profunda ligação com esses campos, desenvolvendo modos de vida em sintonia com os ciclos da natureza. No imaginário regional, a Salamanca do Jarau, marcada por encantamentos e transformações, e o Negrinho do Pastoreio, símbolo de esperança e proteção, mantêm viva a tradição oral que une cultura e paisagem.

No Pampa, a grandeza manifesta-se na serenidade dos campos, no voo das aves e na força discreta da vegetação que resiste ao tempo e às estações. Sua paisagem demonstra que a simplicidade também pode abrigar uma biodiversidade preciosa e um equilíbrio indispensável para a vida.

Bioma Pantanal

O Pantanal é a maior planície alagável do planeta, onde a água dita o ritmo da vida. A alternância entre cheias e secas transforma a paisagem a cada estação, renovando campos, baías, corixos e matas, em um ciclo natural que sustenta uma das mais exuberantes concentrações de fauna do mundo.

Sua vegetação reúne campos inundáveis, cerrados, capões de mata e florestas ribeirinhas, formando um mosaico de habitats. Ipês florescem em meio à paisagem, enquanto carandás, cambarás, aguapés e o manduvi oferecem abrigo e alimento para inúmeras espécies. Cada ambiente desempenha um papel essencial na manutenção da biodiversidade e no delicado equilíbrio ecológico das águas.

O Pantanal abriga uma rica diversidade de animais. A onça-pintada, símbolo de força e equilíbrio, percorre silenciosamente suas margens. Nas baías e rios vivem a ariranha, o jacaré-do-pantanal, a sucuri e cardumes de peixes como o dourado, o pacu e o pintado. Capivaras, cervos-do-pantanal, tamanduás-bandeira e antas dividem espaço com centenas de aves, entre elas o tuiuiú, ave-símbolo do bioma, araras-azuis, colhereiros e garças, que transformam o céu em um espetáculo de cores e movimentos.

Muito além da beleza, o Pantanal desempenha funções ecológicas indispensáveis. Suas áreas alagadas regulam o fluxo das águas, armazenam carbono, recarregam aquíferos e oferecem abrigo para espécies migratórias. A dinâmica das inundações distribui nutrientes, renova os ambientes e sustenta uma complexa rede de vida da qual dependem plantas, animais e comunidades humanas.

Ao longo dos séculos, povos indígenas, ribeirinhos e pantaneiros aprenderam a viver em harmonia com o ritmo das águas, preservando conhecimentos sobre a fauna, a pesca, as plantas os ciclos da natureza. O imaginário regional também floresce em lendas como a da Mãe d'Água, guardiã dos rios, e do Minhocão do Pari, criatura mítica associada às profundezas das lagoas e aos mistérios das cheias.

No Pantanal, a natureza ensina que a vida nasce do movimento. Cada cheia anuncia um recomeço, cada vazante revela novos caminhos. Nesse permanente ciclo das águas reside uma das maiores expressões da biodiversidade mundial, essencial ao equilíbrio do planeta.2 Os biomas brasileiros e o imaginário popular

Os biomas brasileiros e o imaginário popular

Hiromi Takano

Artista e Escritora

Ao longo de gerações, os diferentes biomas brasileiros inspiraram um vasto patrimônio de narrativas, lendas e personagens que expressam a maneira como as populações compreenderam, respeitaram e explicaram a natureza. Muito antes da sistematização científica dos biomas e ecossistemas, povos indígenas, comunidades tradicionais e habitantes do meio rural transmitiam, pela tradição oral, histórias que associavam rios, florestas, campos, montanhas e animais a seres encantados, guardiões da vida e forças da natureza. Essas narrativas constituem um importante patrimônio cultural imaterial do Brasil. Mais do que histórias fantásticas, representam formas simbólicas de ensinar respeito aos ambientes naturais, advertir sobre os perigos da floresta, das águas e dos campos e fortalecer valores de convivência equilibrada com o território.

Personagens compartilhados entre os biomas

Embora muitos desses personagens sejam conhecidos em todo o país, suas histórias assumem diferentes formas conforme os biomas e as tradições culturais de cada região. Diversos personagens do imaginário popular brasileiro ultrapassam os limites geográficos dos biomas e aparecem, sob diferentes nomes ou variações narrativas, em distintas regiões do país. Essa circulação evidencia a riqueza da tradição oral brasileira e os intensos intercâmbios culturais entre povos indígenas, comunidades rurais e populações tradicionais, revelando que o imaginário sobre a natureza constitui também um patrimônio compartilhado da diversidade cultural brasileira.

Entre os numerosos personagens e narrativas do imaginário popular brasileiro, alguns tornaram-se especialmente associados a determinados biomas. Na Amazônia, destacam-se a Iara, o Boto-cor-de-rosa, a Vitória-Régia, a Cobra-Grande (Boiúna) e o Curupira, ligados aos rios e às florestas da região. No Cerrado, o imaginário popular reúne o Saci, o Boitatá e a Caipora, associados à proteção da natureza, dos animais e das paisagens do bioma. Na Caatinga, a Caipora e o Boitatá foram incorporados ao imaginário sertanejo, convivendo com outras manifestações culturais do Nordeste brasileiro. Na Mata Atlântica, o Curupira permanece como um dos mais tradicionais guardiões das florestas e dos animais. No Pantanal, sobressaem narrativas relacionadas às águas, como a Mãe-d'Água e o Minhocão do Pari, associados aos rios, lagoas e ambientes alagados. No Pampa, destacam-se a Salamanca do Jarau e o Negrinho do Pastoreio, importantes referências da tradição cultural gaúcha.

Patrimônio cultural e diversidade

O imaginário popular brasileiro demonstra que natureza e cultura caminham juntas. Os mesmos rios, florestas, campos e montanhas que sustentam a biodiversidade inspiraram narrativas transmitidas por gerações, fortalecendo o sentimento de pertencimento e o respeito pelos diferentes biomas do país. Assim como cada bioma possui características ecológicas próprias, cada região preserva formas singulares de interpretar a natureza por meio de seus mitos e lendas. Reconhecer esse patrimônio cultural amplia a compreensão dos biomas brasileiros como territórios onde natureza, memória e cultura se entrelaçam, revelando que sua conservação envolve não apenas a proteção da biodiversidade, mas também a preservação das memórias, dos saberes e das tradições que ajudaram a construir a identidade cultural do Brasil.

Ações do SLU para o desenvolvimento da sustentabilidade nas cidades

Thiago Braga Pinheiro; Gustavo Pereira de Menezes; Allyson Sullyvan Rodrigues Silva; Samuel Almeida Fonseca; Tatiane Rabelo do Amaral Costa; Thiago Jonatan Silva Xavier; Gabrielly Soeiro Mendes; Emily da Silva Félix

Coordenação de Análise do Ambiente – SLU DF

A gestão de resíduos sólidos ocupa papel central na construção de cidades mais sustentáveis, resilientes e inteligentes. Parte essencial para uma boa política de gestão de resíduos sólidos passa pela compreensão da diferença entre resíduos sólidos e rejeitos.

Os resíduos sólidos são materiais com potencial de reutilização, reciclagem ou tratamento, podendo retornar ao ciclo produtivo por meio da economia circular. Já os rejeitos são aqueles que, após esgotadas todas as possibilidades de aproveitamento, devem receber destinação final ambientalmente adequada. Essa distinção técnica fundamenta a estratégia do Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal (SLU), que visa maximizar o reaproveitamento de materiais, reduzir a quantidade de rejeitos enviados ao aterro e fomentar novos modelos de produção e consumo sustentáveis.

No Distrito Federal, o desafio da sustentabilidade das cidades se intensifica diante dos problemas advindos da rápida urbanização, que pode resultar no aumento da geração e do descarte inadequado de resíduos. O descarte inadequado compromete o ambiente urbano, sobrecarregando os serviços públicos e consumindo recursos que poderiam ser direcionados a outras ações capazes de melhorar a qualidade de vida.

Nesse sentido, o SLU tem atuado de forma estratégica no enfrentamento desse problema, com a adoção de estratégias interinstitucionais para o mapeamento de pontos críticos de descarte irregular, remoção sistemática de resíduos e revitalização de espaços degradados. Um exemplo de ação é o projeto "De Cara Nova", que transforma áreas utilizadas como pontos de descarte irregular em praças, jardins e equipamentos comunitários, devolvendo dignidade aos territórios urbanos e promovendo o sentimento de pertencimento nas comunidades atendidas.

No âmbito da economia circular, a coleta seletiva tem sido ampliada gradativamente em todas as regiões administrativas do DF, com base em um modelo que valoriza a inclusão socioproductiva das cooperativas de catadores. Cooperativas formadas, em sua maioria, por ex- catadores do antigo Lixão da Estrutural hoje atuam como prestadoras de serviço contratadas pelo SLU. Além da coleta e triagem dos materiais recicláveis, este SLU remunera os cooperados pelo serviço de triagem de resíduos. Este subsídio é por vezes o elemento garantidor da viabilidade econômica da cadeia de reciclagem de materiais como plástico, papel e vidro.

Adicionalmente, os contratos firmados com as cooperativas incluem atividades sistemáticas de mobilização social e sensibilização da população para a temática do manejo correto dos resíduos. Pela proximidade com o cotidiano das comunidades, as cooperativas de catadores têm se mostrado como os mais eficazes agentes de fomento das práticas de segregação dos resíduos.

Ainda no eixo do tratamento, o SLU também opera duas unidades de tratamento mecânico biológico (UTMBs), localizadas na Asa Sul e em Ceilândia. Nessas unidades, é realizada a separação da fração orgânica presente na coleta convencional, que é encaminhada ao processo de compostagem. O composto orgânico gerado nesse processo é posteriormente doado a produtores rurais do DF promovendo a agricultura de base ecológica e o fechamento de ciclos produtivos.

A gestão do Aterro Sanitário de Brasília (ASB), das unidades de transbordo e da estação de tratamento de chorume é estruturada com base em diretrizes técnicas e operacionais alinhadas às normas ambientais vigentes e aos princípios de sustentabilidade. Essas instalações são submetidas a rotinas de monitoramento e controle ambiental sistemáticos, abrangendo aspectos como qualidade do solo, da água e do ar, gestão de efluentes e mitigação de impactos negativos potenciais. Todo o processo de gestão adotado pelo SLU é orientado pelo princípio da melhoria contínua, buscando a conformidade legal e a excelência na gestão dos resíduos sólidos urbanos, com foco na proteção ambiental, na segurança operacional e na promoção da saúde pública.

Alinhado a esse compromisso com a qualidade e a eficiência, outro ponto de destaque é a incorporação de inovações tecnológicas voltadas à modernização dos serviços prestados. O SLU tem adotado soluções digitais para o monitoramento da coleta de resíduos, tornando o processo mais eficiente e transparente. Isso permite, por exemplo, um melhor planejamento das rotas e a redução da pegada de carbono associada à frota de veículos utilizada na limpeza urbana. A autarquia também tem investido na capacitação do corpo técnico e na adoção de tecnologias de georreferenciamento aplicadas às ações de fiscalização e planejamento territorial dos serviços.

Complementarmente, o SLU desenvolve iniciativas de educação ambiental em diversas frentes. Um exemplo de sucesso é o projeto "Lixo Zero nas Escolas", que promove a sensibilização de estudantes, professores e comunidade escolar sobre a importância da responsabilidade compartilhada na gestão de resíduos. A relevância do projeto foi reconhecida com a concessão do Diploma de Honra ao Mérito pelo Embaixador do Japão no Brasil, reafirmando o potencial transformador da educação para a sustentabilidade.

Os serviços prestados pelo SLU são monitorados por meio de indicadores técnicos, em consonância com as diretrizes e metas estabelecidas no Plano Distrital de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PDGIRS), que orienta a política pública de gestão de resíduos no Distrito Federal.

PARTE II

EXPOSIÇÃO



NÚCLEO CURATORIAL

BRASIL E JAPÃO: ARTE, AMIZADE E COOPERAÇÃO



BRASIL

Marissol Hiromi Takano

Hiromi Takano

Breve Biografia

Neta de imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil no início do século XX, Hiromi teve seu primeiro contato com o sumi-e e com a cultura japonesa por meio de seus avós, na convivência familiar e na prática cotidiana. Seus pais integraram posteriormente o movimento de migração de famílias japonesas para Brasília durante o governo de Juscelino Kubitschek, reunindo, em sua trajetória, as raízes da imigração em São Paulo e a experiência cultural construída no Distrito Federal.

É artista visual, escritora, psicóloga, especialista em Avaliação Psicológica e Arteterapia e pesquisadora das artes tradicionais japonesas — sumi-e, suibokuga e nihonga — no Brasil. É fundadora e presidente do Instituto Sumi-e Brasil, membro acadêmico da Academia Internacional de Cultura (Cadeira nº 59, cujo patrono é o mestre Sesshū Tōyō) e representante da ICCPS (International Chinese Calligraphy and Ink Painting Society) no Brasil.

Em sua produção, desenvolve o conceito de Denshō (transmissão viva da tradição) e o diálogo entre a técnica oriental e a natureza brasileira. Entre suas propostas está o conceito Shikunshi do Cerrado, que estabelece uma releitura das quatro plantas nobres da pintura oriental a partir de espécies nativas do Cerrado, como colestenia, taquari, caliandra e cagaiteira.

Ao longo de sua carreira, criou e coordenou iniciativas culturais e socioeducativas, como o projeto Denshō: O Caminho do Sumi-e no Brasil, Sumi-e, Arte para a Educação e o Bem-Estar, desenvolvido em escolas públicas do DF, Sumi-e em Movimento, que articula arte e sustentabilidade por meio da reutilização de velas náuticas, e o projeto Recortes do Cerrado, que teve continuidade internacional no Art Beyond Boundaries Brazil.

Entre os prêmios e honrarias recebidos estão o International Culture Exchange Award (ICCPS, Tóquio, 2022), o International Art Award e o Certificado de Honra concedidos pelo mestre Tohun Kobayashi (2025), o título de Mérito Cultural Palmerinda Donato pela Academia Internacional de Cultura (2024) e o Diploma de Honra ao Mérito do Embaixador do Japão no Brasil, conferido em 2025 por Hayashi Teiji, que se referiu à artista como “a herdeira do sumi-e”.

A obra representa um lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e um carcará (*Caracara plancus*) em uma paisagem do Cerrado, entre vegetação nativa e chuveirinhos. A composição utiliza diferentes tonalidades e intensidades da tinta sumi sobre papel washi, explorando o contraste entre as figuras dos animais, a vegetação e os espaços da paisagem.

A presença conjunta do lobo-guará e do carcará destaca a diversidade da fauna do Cerrado, enquanto os chuveirinhos acrescentam à composição um elemento característico de sua flora.

Lobo-Guará, Carcará e Chuveirinhos
Hiromi Takano
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



A obra representa nascentes, buritis (*Mauritia flexuosa*) e caliandras em uma paisagem do Cerrado. A composição utiliza diferentes tonalidades e intensidades da tinta sumi sobre papel washi, explorando a relação entre a vegetação e as águas que caracterizam o bioma.

A presença das nascentes, dos buritis e das caliandras destaca a diversidade da flora do Cerrado e a importância das águas para a manutenção de seus ecossistemas.

As Águas Ocultas do Cerrado:
Nascentes, Veredas e Buritis
Hiromi Takano
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



A obra representa uma harpia entre sumaúmas e vitórias-régias, em uma paisagem da Amazônia. A composição utiliza diferentes tonalidades e intensidades da tinta sumi sobre papel washi, explorando o contraste entre a imponência das árvores, a presença da ave e a tranquilidade das águas.

A relação entre a harpia e a vegetação caracteriza a diversidade da fauna e da flora amazônicas, destacando a integração entre os elementos da floresta.

Os Guardiões da Imensidão Verde:
A Sumaúma e a Harpia
Hiromi Takano
Tinta sumi e pigmentos sobre papel washi, 2026



A obra representa uma onça-pintada (*Panthera onca*) em uma paisagem do Pantanal. A composição explora as características da pelagem do animal, com suas rosetas, por meio de diferentes tonalidades e intensidades da tinta sumi sobre papel washi.

A representação da onça, associada às áreas alagadas e à vegetação do Pantanal, destaca a presença e a adaptação desse grande felino ao ambiente.

A Sombra e o Sol no Pantanal

Hiromi Takano

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



A obra representa uma preguiça e um mico-leão-dourado entre os galhos da Mata Atlântica. A composição utiliza diferentes tonalidades e intensidades da tinta sumi sobre papel washi, explorando o contraste entre a tranquilidade da preguiça e a vivacidade do mico-leão-dourado.

A presença dos dois animais caracteriza a diversidade da fauna da Mata Atlântica e estabelece uma relação entre diferentes formas de movimento e comportamento no ambiente florestal.

A Preguiça e o Mico-Leão-Dourado

Hiromi Takano

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



A obra representa um zorrilho (*Conepatus chinga*) no Bioma Pampa, em uma paisagem de campos abertos e árvores esparsas. O animal é retratado com a cauda erguida, em uma postura de alerta característica de seu comportamento defensivo. A composição explora diferentes tonalidades e intensidades da tinta sumi sobre papel washi, destacando o contraste entre a pelagem escura e as listras brancas do animal e a amplitude da paisagem.

A Sutil Defesa dos Campos Abertos
Hiromi Takano
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Nas extensas savanas, chapadões e campos abertos do Bioma Cerrado, onde a vegetação rasteira convive com os ciclos da seca e do fogo, caminha um dos habitantes mais emblemáticos da fauna sul-americana: o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*).

Nesta obra, criada com a técnica de sumi sobre papel washi, medindo 70 cm × 90 cm, a figura do animal é representada em uma composição de forte presença visual. O focinho longo e tubular e a pelagem densa e texturizada, representados por pinceladas enérgicas, destacam suas características morfológicas. O tamanduá-bandeira é particularmente vulnerável às queimadas que atingem o Cerrado. Diante do fogo, pode buscar abrigo em cavidades no solo e utilizar a cauda, de pelagem espessa, para proteger parte do corpo. Na obra, sua silhueta remete à capacidade de sobrevivência e adaptação da espécie diante das condições adversas do bioma.

A excelência desta criação foi reconhecida internacionalmente, sendo agraciada com o Certificado de Honra e o International Art Award, concedidos pelo Mestre Kobayashi Tohun, presidente da International Association of Sumi. A obra estabelece uma relação entre a biodiversidade brasileira e a tradição da pintura a sumi.

O Tamanduá-bandeira
Hiromi Takano
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



A obra representa uma capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) e um irerê (*Dendrocygna viduata*) em uma paisagem de águas tranquilas, característica das áreas úmidas brasileiras. A composição utiliza diferentes tonalidades e intensidades da tinta sumi sobre papel washi, explorando o contraste entre os animais, a água e a vegetação. A presença conjunta da capivara e do irerê destaca a diversidade da fauna das áreas úmidas e a relação dos animais com o ambiente aquático.

A Calmaria das Águas:
A Capivara e o Irerê
Hiromi Takano
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



A obra representa um grupo de pica-paus-do-cerrado (*Colaptes campestris*) sobre exemplares de pau-santo (*Kielmeyera coriacea*), espécie nativa do Cerrado. A composição utiliza pigmentos sobre papel washi, explorando as cores da plumagem das aves em contraste com as flores brancas e a estrutura dos troncos.

A presença conjunta das aves e da vegetação destaca a relação entre a fauna e a flora características do Cerrado.



O Pica-Pau-do-Cerrado e o Pau-Santo

Hiromi Takano

Tinta sumi e pigmento sobre papel washi, 2026

A obra representa uma jaguatirica (*Leopardus pardalis*) sobre um tronco, em meio à vegetação. A composição utiliza tinta sumi e gansai sobre papel washi, explorando o padrão característico da pelagem, formado por rosetas e listras, e o contraste entre luz e sombra.

O olhar atento e a postura do animal destacam sua agilidade e discrição, características associadas aos hábitos da espécie.

Silenciosa: A Jaguatirica
Hiromi Takano
Tinta sumi e pigmento sobre papel washi, 2026





JAPÃO

Tohun Kobayashi

Breve Biografia

Presidente da International Association of SUMI e idealizador da exposição internacional Art Beyond Boundaries, realizada no Japão e em diversos países.

Autor de numerosos livros e presença frequente nos meios de comunicação, realizou grandes demonstrações públicas de pintura sumi-e em países como Estados Unidos, França, China e Rússia. É amplamente reconhecido pela criação de pinturas monumentais em portas deslizantes (fusuma) destinadas a templos e santuários japoneses, bem como por sua atuação como consultor artístico em produções cinematográficas.

Em 2012 recebeu o Prêmio do Ministro da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia do Japão.

Em 2017 foi agraciado com o Prêmio do Primeiro-Ministro do Japão.

Em 2021 atuou como supervisor técnico de sumi-e no filme The Lines That Define Me.

Sobre a obra

Técnica: tinta sumi sobre papel.

Com apenas algumas pinceladas, a obra captura a essência do tigre por meio da combinação de diferentes tonalidades e texturas da tinta sumi, revelando sua força, vitalidade e presença.

Com apenas algumas pinceladas, a obra captura a essência do tigre por meio da combinação de diferentes tonalidades e texturas da tinta sumi, revelando sua força, vitalidade e presença.

Tiger

Tohun Kobayashi

Tinta sumi sobre papel washi, 2026





JAPÃO

Satoshi Yakata

Ransui Yakata

Breve Biografia

Presidente da International Chinese Calligraphy and Painting Artists Association.

Diretor Permanente e Examinador da International Federation of Calligraphy and Painting.

Diretor da Associação de Arte da Cidade de Anshan, Província de Liaoning, China.

Recebeu numerosas distinções internacionais, entre elas o Prêmio do Primeiro-Ministro e o Prêmio do Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Suas obras integram importantes coleções institucionais, incluindo a Embaixada do Brasil.

A obra representa uma máscara Nō (Ko-omote), um dos mais emblemáticos símbolos do teatro clássico japonês.

A máscara Ko-omote retrata uma jovem mulher e expressa, por meio de delicadas variações de luz e sombra, diferentes estados emocionais conforme o ângulo de observação. Executada com materiais tradicionais da pintura oriental, a obra celebra a elegância, a espiritualidade e a profundidade estética da cultura japonesa.

Noh Mask (Ko-mote Play)
Ransui Yakata
Tinta sumi e gansai sobre papel washi, 2025





JAPÃO

Teiji Hayashi

Breve Biografia

A trajetória do Embaixador Teiji Hayashi reúne sua experiência na diplomacia internacional e sua prática artística. Diplomata de carreira do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão (MOFA) desde 1988, Hayashi atuou em diferentes áreas da diplomacia japonesa, incluindo as negociações do TPP, RCEP e G7/G20, além de exercer funções em postos diplomáticos no exterior. Foi Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário do Japão no Brasil de 2021 a 2025.

Foi durante sua missão como Ministro e Chefe do Departamento Econômico na Embaixada do Japão em Beijing, a partir de 2014, que Hayashi iniciou sua prática do shuimòhuà. No contato com a tradição da pintura chinesa, encontrou na tinta e no papel uma forma de expressão que passou a integrar sua trajetória.

No Brasil, sua prática artística também esteve presente em atividades de intercâmbio cultural. Hayashi participou de demonstrações e oficinas de pintura, incluindo iniciativas relacionadas à preservação dos biomas brasileiros e à aproximação entre as culturas japonesa e brasileira. Entre essas atividades, destaca-se a demonstração de pintura de um dragão realizada em 2024.

Durante sua missão no Brasil, participou de atividades relacionadas às comemorações dos 130 anos das relações diplomáticas entre Brasil e Japão, realizadas em 2025, incluindo a visita oficial da Princesa Kako de Akishino ao país.

O carcará, ave de presença marcante na paisagem brasileira, encontra no ipê-amarelo um elemento igualmente representativo da flora do país. Nesta pintura, a ave pousada sobre um galho estabelece um encontro entre fauna e flora, em uma composição que explora o contraste entre a presença do animal e a delicadeza das flores do ipê.

Executada com tinta sumi e gansai, a obra combina a intensidade e as variações tonais da tinta preta com a presença das cores, permitindo construir a figura do carcará e os elementos da árvore de maneira sintética e expressiva. A contenção dos traços contribui para sugerir a paisagem com poucos elementos, enquanto o amarelo das flores se destaca na composição e estabelece um contraponto à predominância do preto.

Ao reunir o carcará e o ipê-amarelo, a obra destaca dois elementos da natureza brasileira e aproxima recursos da tradição artística japonesa da diversidade da paisagem do Cerrado. A composição convida a observar a relação entre fauna e flora e a reconhecer a riqueza natural que caracteriza esse bioma.

Carcará sobre ipê

Teiji Hayashi

Tinta sumi e gansai sobre papel washi, 2026



A apresentar a biodiversidade brasileira por meio da milenar técnica do sumi-e estabelece um diálogo entre a tradição artística japonesa e a paisagem natural do Brasil. Nesta obra, um tamanduá-bandeira é representado por meio de traços fluidos e econômicos de tinta preta, destacando a presença singular desse animal no bioma Cerrado.

Criada especialmente para a exposição Art Beyond Boundaries Brasil, a obra aproxima a estética do sumi-e da representação da fauna brasileira. A economia de pinceladas, característica da técnica, orienta a construção da figura e permite explorar a forma, a textura e o movimento do animal com poucos elementos.

Ao trazer o tamanduá-bandeira para o universo da pintura tradicional japonesa, a obra propõe uma reflexão sobre a diversidade da fauna brasileira e a importância da conservação do Cerrado, estabelecendo um diálogo entre arte, natureza e diferentes tradições culturais.

Tamanduá
Teiji Hayashi
Tinta sumi sobre papel washi, 2026





JAPÃO

Harumi Kobayashi

Harumi Tohsei Kobayashi

Breve Biografia

Vice-Presidente da International Association of SUMI.

Coordena as exposições Art Beyond Boundaries no Japão e no exterior. Ministra cursos certificados para estudantes de mais de vinte países, formando professores e artistas da nova geração em âmbito internacional.

Recebeu inúmeras distinções, entre elas a Comenda do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Japão (2023).

Seu trabalho, fundamentado na tradição e caracterizado por grande leveza e transparência, alcançou reconhecimento internacional e integra coleções públicas, incluindo o Népi Iparművészeti Gyűjtemény, na Hungria (2019), além de museus na Ucrânia (2021) e na Espanha (2023). Atualmente dedica-se intensamente à difusão do sumi-e por meio de projetos interdisciplinares e colaborações com diferentes áreas do conhecimento.

As glicínias, representadas em diferentes tonalidades de tinta, evocam a profundidade do violeta, enquanto a água, tratada com delicada transparência, sugere o movimento elegante das carpas (koi).

No Japão, as carpas são consideradas símbolos da paz, pois convivem sem estabelecer territórios ou conflitos. Os cachos floridos da glicínia, por sua vez, simbolizam a ligação entre o céu e a terra, representando sacralidade e longevidade.

A obra expressa o desejo de que todas as nações possam compartilhar essa mesma harmonia auspiciosa.

Tranquility
Harumi Tohsei Kobayashi
Tinta sumi sobre papel washi, 2026





BRASIL

Misao Kobayashi

Getsusen Kobayashi

Breve Biografia

A arte, a cultura e a formação médica

Getsusen Kobayashi (pseudônimo artístico de Misao Kobayashi) é um renomado mestre calígrafo, pintor de sumi-e e um dos principais responsáveis pela preservação e difusão dessas artes milenares no Brasil. Nascido em 1935, na província de Ibaraki (região de Hitachi-omiya), no Japão, sua trajetória artística confunde-se com a história da própria imigração japonesa no país. Kobayashi imigrou para o Brasil no ano de 1963, a bordo do navio Argentina-maru, e fixou residência no município de Diadema, em São Paulo. É formado em caligrafia japonesa e possui o grau de mestre concedido pela prestigiada Associação de Hokushin Shodo, sediada em Osaka, no Japão. Além de mestre em Shodō (caligrafia) e Sumi-e, ele também atua na arte do Kokuji, que consiste no entalhe de ideogramas em madeira.O mestre possui uma carreira sólida e reconhecida internacionalmente:

- É membro da Sociedade Mainichi Shodou, o maior grupo de caligrafia do Japão.
- Seus trabalhos já foram selecionados mais de dez vezes e premiados duas vezes na maior exposição anual de shodō realizada em solo japonês.
- Ele detém o marco de ser o primeiro japonês radicado no exterior a receber duas premiações do grupo Mainichi.

Atuação na Associação Centro Social Ibaraki do Brasil

Com uma profunda sensibilidade estética e técnica refinada, o mestre dedica sua vida ao ensino. Há anos, Kobayashi Sensei atua ativamente na Associação Centro Social Ibaraki do Brasil (Ibaraki Kenjinkai), localizada no bairro da Aclimação, em São Paulo e também em eventos externos como o tradicional Festival do Japã, ele lidera oficinas, cursos e demonstrações ao vivo de shodō e sumi-e, ajudando a transmitir a filosofia de equilíbrio, foco e conexão com a natureza.

.

Intitulada “Amazonas, Brasil”, a obra criada pelo mestre Getsusen Kobayashi apresenta uma composição expressiva que articula a pintura tradicional em sumi-e e a caligrafia japonesa shodō. Com dimensões de 85 × 65 cm, a obra evidencia a aproximação cultural e artística construída pelo autor entre o Japão e o Brasil.

O lado esquerdo e a região central da composição são dominados pela representação vigorosa e fluida de uma monumental queda d’água da paisagem amazônica. Por meio de sutis gradações do sumi, Kobayashi explora o movimento e a intensidade da água em sua queda, criando contrastes entre áreas de maior densidade e passagens mais leves, que sugerem névoa e profundidade. O resultado articula força e delicadeza, evocando uma atmosfera de contemplação e de estreita relação com a natureza.

No lado direito, uma coluna vertical de ideogramas estabelece o equilíbrio da composição. Executada em estilo clássico de shodō, a caligrafia apresenta pinceladas firmes e gestuais, nas quais ritmo, pressão e variação da tinta participam ativamente da construção visual da obra.

“Amazonas, Brasil” evidencia, assim, como os princípios técnicos e estéticos da pintura e da caligrafia tradicionais japonesas podem dialogar com a paisagem brasileira, reinterpretando a grandiosidade da natureza amazônica por meio da linguagem do sumi-e.



Amazonas, Brasil

Getsusen Kobayashi

Tinta sumi sobre papel washi



BRASIL

Mikhaela Hanae Kawahara

Mikhaela Kawahara

Breve Biografia

A arte, a cultura e a formação médica

Artista de sumi-e, escritora, curadora de exposições e estudante de Medicina em Brasília, Mikhaela Hanae Kawahara desenvolve atividades relacionadas às artes tradicionais japonesas, à educação e à diplomacia cultural.

Como fundadora e vice-presidente do Instituto Sumi-e Brasil, participa de iniciativas de difusão do sumi-e e da cultura japonesa no Brasil. Sua atuação artística e curatorial inclui projetos relacionados à arte, educação, sustentabilidade e diplomacia cultural, além da realização de oficinas e atividades voltadas à aproximação do público com as tradições japonesas.

Sua produção artística e literária recebeu premiações no Japão. Em reconhecimento à sua trajetória no sumi-e, recebeu de sua mestre, Hiromi Takano, o gagō Kōga (弘雅), associado aos sentidos de ampla difusão, elegância e refinamento.

Ao retratar um ícone da fauna e da flora da Caatinga com uma técnica tradicional asiática, a artista cria um diálogo entre diferentes culturas e nos convida a olhar para o nosso próprio país com novos olhos. A obra transcende as fronteiras geográficas e culturais, unindo o oriente e o ocidente em uma celebração da beleza e da resiliência da natureza brasileira.

A composição é dividida em três planos principais. Em primeiro plano, duas pombas Asa Branca (*Zenaida auriculata*), símbolo da resiliência do sertanejo, pousadas em um cacto-palma (*Opuntia ficus-indica*). Seus olhos atentos e penas detalhadas transmitem a delicadeza e a fragilidade da vida em meio à paisagem árida.

No segundo plano, o majestoso Carcará (*Caracara plancus*), ave de rapina emblemática da Caatinga, abre suas asas em um movimento de voo imponente, pousado no topo de um imenso cacto-mandacaru (*Cereus jamacaru*). Seus olhos penetrantes e postura ativa refletem a força e a determinação da vida selvagem.

Ao fundo, a paisagem da Caatinga se estende, com cactos e outras plantas xerófilas, envolta em uma bruma suave que evoca o calor e a vastidão do sertão. A técnica de suibokuga, com seus tons de cinza, cria uma atmosfera monocromática e atemporal, enfatizando a textura das plantas e a dramaticidade da cena.

Caatinga
Mikbela Hanae Kawabara
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



GALERIA DO BRASIL

Ajax Porto Pinheiro

Kōsai

Breve Biografia

"Há quem veja apenas tinta sobre o papel. Outros enxergam uma montanha, um rio ou um bambu. Com o tempo aprendi que o sumi-e nunca retrata apenas a paisagem. Ele procura revelar o equilíbrio invisível que mantém todas as coisas vivas."

Com essa sensibilidade, o General Ajax Porto Pinheiro traduz uma trajetória de vida marcada não apenas pelo rigor e pela responsabilidade da liderança militar, mas por uma profunda busca pela harmonia humana e pela dignidade. Ao longo de sua carreira em missões históricas — desde a supervisão do fim do conflito armado em El Salvador até o comando da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, o General compreendeu que a paz verdadeira não se impõe pela força, mas se cultiva pacientemente no cotidiano das comunidades.

Essa visão encontra um paralelo fascinante na estética do sumi-e e na filosofia do satoyama. Assim como na pintura tradicional japonesa, onde cada pincelada é definitiva e irrevogável, exigindo serenidade e precisão, o espaço em branco não representa ausência, mas sim possibilidade. Da mesma forma, nos momentos críticos de uma missão de construção da paz ou de desastres naturais — como na resposta ao Furacão Matthew no Haiti —, um comandante sabe que uma única decisão pode influenciar o destino de milhares de vidas. Isso transforma a coragem em um ato de profunda escuta e cuidado, exigindo precisão no gesto, equilíbrio entre força e delicadeza, e a compreensão de que nenhuma sociedade floresce por imposição, mas sim quando se criam as condições necessárias para que a esperança, a vida e a paz possam desabrochar.

Por sua sólida trajetória dedicada à paz e à harmonia, Ajax recebeu de Hiromi Takano, o gagō (弘泰) Kōtai, que significa "A Grande Tranquilidade" ou "Paz Ampla".

Esta exposição celebra, portanto, o encontro entre a disciplina da farda e a leveza do traço: o testemunho de um homem que descobriu que liderar é, antes de tudo, criar o espaço necessário para que a esperança e a vida possam recomeçar.

Sobre a obra

Técnica / materiais: tinta sumi sobre papel washi.

Pirarucu

Ajax Porto Pinheiro

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Alinne Takano da Silva

Kōshō

Breve Biografia

Alinne Takano da Silva é especialista em Análise Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, com graduação (licenciatura e bacharelado) em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Participa do conselho Consultivo do Instituto sumi-e Brasil e dedica-se à monitoria de Sumi-e (arte tradicional japonesa de pintura a tinta sumi).

Atua ativamente na difusão da arte e na promoção do bem-estar por meio de oficinas e projetos voltados para instituições públicas, escolas, Unidades Básicas de Saúde (UBS) e festivais de cultura japonesa, colaborando diretamente com a artista Hiromi Takano. Assessora a realização de oficinas e orienta os participantes no aprendizado da técnica.

Concluiu o módulo de Shikunshi (Os Quatro Nobres: Orquídea, Bambu, Crisântemo e Ameixeira), correspondente ao Módulo I da linhagem de Hiromi Takano, consolidando sua formação e dedicação a essa prática artística milenar. Recebeu o Gagô Kōshō (弘承), aquele que recebe e continua, shodan da linhagem de Hiromi Takano.

Sobre a obra

Técnica / materiais: tinta sumi sobre papel washi.

Seriema

Alinne Takano da Silva

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Guilherme Ferreira da Silva

Kōdō

Breve Biografia

A trajetória de Guilherme Ferreira é marcada pela busca constante pelo equilíbrio entre a força e a sutileza, uma dualidade que ele explora com rigor nas artes tradicionais japonesas. Praticante dedicado no Instituto Cultural Niten (unidade de Brasília), Guilherme fundamenta sua disciplina marcial no aprendizado das vias do samurai, destacando-se em modalidades como o Kenjutsu, Iaijutsu e Jojutsu. Sua trajetória nos dojos é reconhecida pelo compromisso técnico e por resultados expressivos em torneios regionais, onde o domínio sobre o corpo e a precisão do movimento refletem os valores do Bushido.

Essa disciplina, contudo, encontra seu contraponto e complemento na sensibilidade da pintura a sumi. Sob a orientação da Sensei Hiromi Takano, Guilherme dedica-se ao estudo do Sumi-e, explorando a filosofia do "traço vivo". Na pintura, ele busca a mesma essência que persegue na espada: o instante de clareza absoluta onde o pincel, tal qual a lâmina, torna-se uma extensão do espírito. Seu gagô, nome artístico, escolhido pela Sensei a partir da linhagem de Hiromi Takano é Kōdō (弘道), aquele que preserva o caminho.

Para Guilherme, a prática marcial e a artística são facetas de um mesmo caminho. Enquanto o Niten lhe confere a estrutura e a prontidão, o Sumi-e lhe oferece o silêncio e o espaço para a introspecção. Ao integrar estas duas tradições, ele personifica o ideal das artes marciais e cerimoniais japonesas,, revelando que, seja no combate ou no papel, a maestria reside na capacidade de agir com total presença, harmonia e respeito aos elementos que compõem a paisagem e a vida.

Sobre a obra

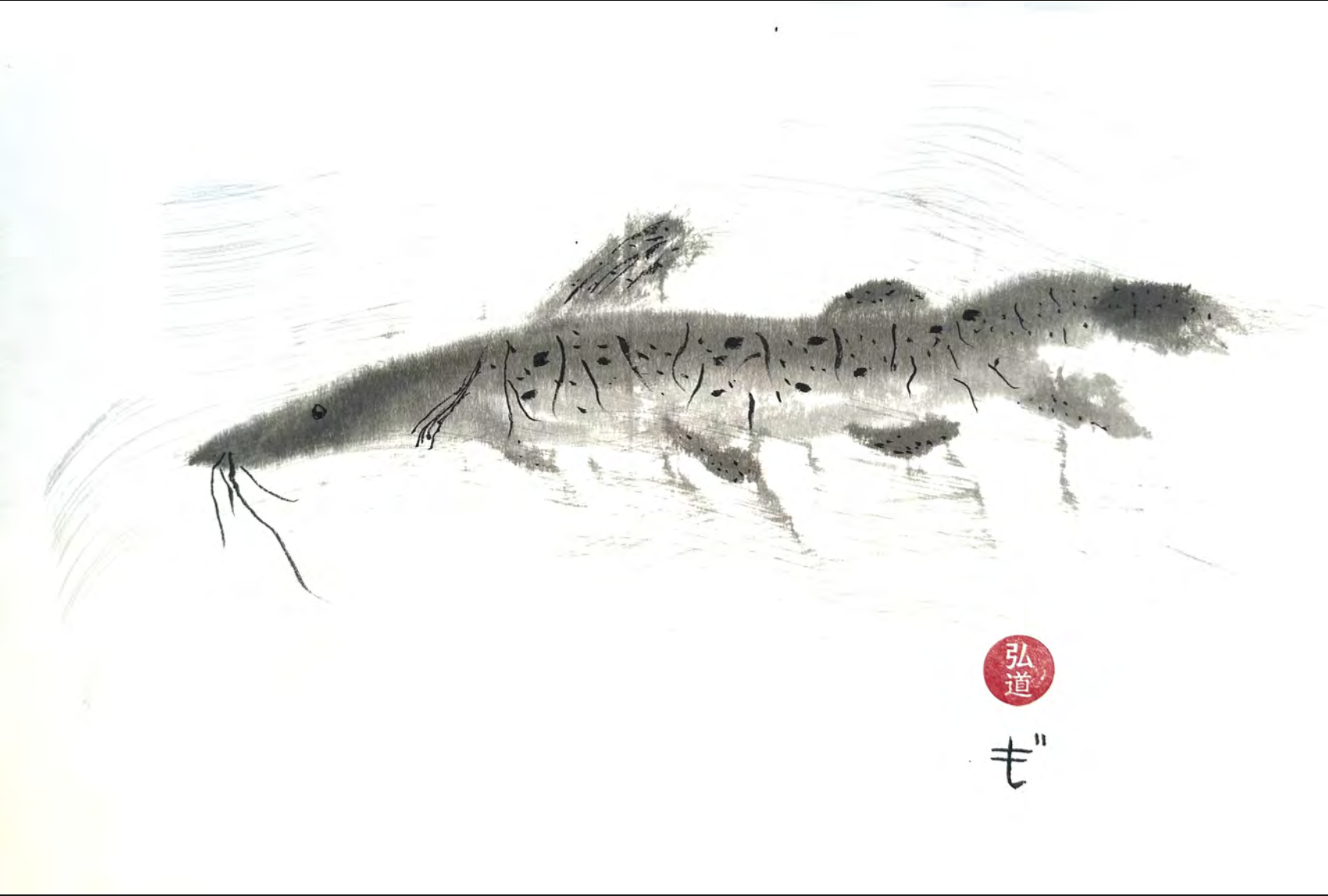
Técnica / materiais: sumi sobre papel washi, com pigmentos gansai.

Na tradição do sumi-e, pintar a vida aquática exige do artista a mesma clareza mental e o mesmo desapego que se manifestam no corte de uma espada. Na obra de Guilherme Ferreira, assinada sob sua linhagem artística como Kōdō (“aquele que preserva o caminho”), o pintado — peixe de água doce nativo das bacias hidrográficas brasileiras — surge não como mero registro da natureza, mas como a própria tradução do movimento em harmonia com o vazio. Com o pincel embebido na tinta sumi sobre o papel washi, Kōdō captura o instante exato em que o animal corta as águas invisíveis do papel. Cada linha é definitiva e irreversível, refletindo a precisão cultivada em sua disciplina marcial no Instituto Niten e no sumi-e, sob a tutela da Sensei Hiromi Takano. O traço firme, aliado à delicadeza dos tons, transmite a leveza da correnteza e a serenidade do nado, revelando que a verdadeira maestria reside na economia dos gestos e na captura do sopro vital (chi) de cada ser.

Pintado

Guilherme Ferreira da Silva

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Hiroko Chicuta Franco

Kōden

Breve Biografia

Após aposentar-se do serviço público federal, em 2019, encontrou na arte um novo caminho. Nesse mesmo ano, iniciou sua jornada no sumi-e sob a orientação da artista e professora Hiromi Takano, a quem é grata pela paciência e determinação. Sem conhecimento prévio da arte, aos poucos, a pintura com tinta preta sobre o papel foi ganhando espaço em sua vida, trazendo concentração, foco e prazer à prática.

Recebeu de sua mestre o gagō Kōden (“aquele que transmite a linhagem Hiro”), nome pelo qual passou a assinar sua produção artística.

Sobre a obra

Técnica / materiais: sumi sobre papel washi, com pigmentos gansai.

”As gigantes araucárias e a pequena gralha” nasce como inspiração e alerta diante da destruição de nossa flora e fauna. Araucárias milenares, ainda presentes na Mata Atlântica brasileira, nas regiões Sul e Sudeste, são derrubados há séculos. A pequena gralha-azul contribui para a disseminação das sementes, os pinhões, ao escondê-los na terra. Esquecidas, essas sementes brotam e ajudam a formar novas árvores.

As gigantes araucárias e a pequena gralha

Hiroko Chicuta Franco

Sumi sobre papel washi, com pigmentos gansai, 2026



Ivania Paes Ferreira

Kōsaidō

Breve Biografia

Natural de Pires do Rio e com formação escolar em colégios religiosos, Ivania formou-se em Letras Neolatinas. O interesse pelo desenho, presente desde a infância, sem oportunidades de desenvolvimento naquele período, encontrou continuidade quando se mudou de Brasília para o Rio de Janeiro, onde iniciou aulas de pintura em porcelana com a professora Lúcia Batista. Prosseguiu seus estudos em Belo Horizonte com as professoras Ruth Birman e Marinice Pentagna e, de volta a Brasília, estudou com Mara Corrêa e Clara Helena. Atualmente, dedica-se à arte do sumi-e, sob a orientação da professora Hiromi Takano. Recebeu de sua mestre o gagō Kōsaidō — “o caminho da ampla coloração artística” —, em referência à sua predileção pelas cores.

Sobre a obra

Técnica / materiais: sumi sobre papel washi, com pigmentos gansai.

Na imensidão e no esplendor da Floresta Amazônica, adentrando um igarapé onde o silêncio é apenas interrompido pelo alçar de voo de um pássaro, somos envolvidos por uma profunda tranquilidade, em meio à presença das vitórias-régias.

Vitória-régia
Ivânia Paes Ferreira
Sumi sobre papel washi, com pigmentos, 2026



Leandro Faleiros Garcia

Kōsen

Breve Biografia

Mestre em Zoologia pela UnB e graduado em Ciências Biológicas pela USP, com especializações em Geoprocessamento e Gestão Ambiental, atua na UnB nas áreas de pesquisa e gestão. Paralelamente à atividade acadêmica e profissional, dedica-se ao sumi-e, ao aikidô e à cutelaria. Compartilha também o aprendizado do sumi-e com sua filha, Mayumi. Recebeu o gagō Kōsen (弘泉), que significa “fonte que se expande”.

Sobre a obra

Técnica / materiais: tinta sumi sobre papel washi.

“Em algum ecótono brasileiro” retrata uma paisagem natural de transição, na qual se encontram elementos característicos de ambientes úmidos e secos. No centro da composição, uma árvore retorcida abriga um tamanduá-mirim, espécie que ocorre em diferentes ambientes, desde florestas até savanas e áreas de Caatinga.

Tamanduá-mirim

Leandro Faleiros Garcia

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Natália Massaco Koga

Kofu

Breve Biografia

Doutora em Ciência Política pela Universidade de Westminster, pesquisadora e professora de políticas públicas no Brasil, iniciou seus estudos de sumi-e após a pandemia de Covid-19, sob a orientação da professora Hiromi Takano. Sem experiência anterior nas artes, encontrou na prática uma forma de expressão e de aproximação com suas raízes japonesas e artísticas familiares. Recebeu de sua mestre o gagō Kōfū (弘風), associado ao resgate de suas origens e à transmissão do conhecimento artístico aos seus descendentes.

Sobre a obra

Técnica / materiais: tinta sumi sobre papel washi.

“Samauma: A árvore-mãe da Amazônia” apresenta, pelo contraste entre os traços escuros da base e as folhas delicadas no topo, a grandeza da sumaúma (Ceiba pentandra), uma das maiores árvores da Amazônia, que pode alcançar cerca de 60 metros de altura. O título faz referência também à origem indígena do nome Ceiba, derivado de cy-yba, associado aos sentidos de “árvore-mãe” ou “mãe das árvores”. A sumaúma ocupa lugar de destaque nos conhecimentos e imaginários tradicionais amazônicos, e suas grandes raízes tabulares são uma de suas características mais marcantes. Na obra, essas raízes são representadas por texturas rústicas, em contraste com a delicadeza da copa.

Samaúna
Natália Massaco Koga
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



GALERIA DO JAPÃO

Asahi Nagamine
Toyo Nagamine

Breve Biografia

Membro da Associação Internacional de Sumi e participante da exposição Arte Além das Fronteiras em Tóquio.

Sobre a obra

Técnica: tinta sobre papel.

Morning glory
Asahi Nagamine
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Eigo Okajima

Eigo Okajima

Breve Biografia

Membro da Associação Internacional de Sumi, possui trajetória marcada por premiações e reconhecimentos em exposições nacionais e internacionais. Em 2026, foi selecionado para The Future of Kakejiku 2026 e recebeu o Prêmio Especial Wabi-Sabi no Art Beyond Boundaries 2026. Em 2025, recebeu o Certificado de Realização Artística do Luxembourg Art Prize e o Prêmio Especial do Júri “Takahata Tunenobu Award”, no Art Beyond Boundaries. Em 2024, recebeu o Prêmio Especial de Incentivo no Art Beyond Boundaries e foi selecionado para The Future of Kakejiku 2024. Foi ainda agraciado com o Prêmio Internacional de Honra no Art Beyond Boundaries 2023 e, em 2022, com o Certificado de Realização Artística do Luxembourg Art Prize e o Prêmio Especial do Júri “Tohun Kobayashi Award”, no Art Beyond Boundaries.

Entre os reconhecimentos anteriores estão o Prêmio de Cultura Artística no Art Beyond Boundaries 2021; o Prêmio Artista Revelação no Japan Suiboku-ga Grand Prize 2020 e o Prêmio Especial de Excelência na 16ª Asian Creative Art Exhibition; o Prêmio Especial do Júri na 15ª Asia Creative Art Exhibition, em 2019; e, em 2018, o Prêmio Especial de Patrocínio na 2ª Nichibi Exhibition e o Grande Prêmio da International Sumie Exhibition Zurich.

Sobre a obra

Técnica / materiais: Sumi Bokuundo Hyakusenboku “Tekii” (tinta de fuligem de pinho) sobre papel gasen.

A presença do lagarto confere ao lugar uma atmosfera de mistério. Procurei representar sua forma simples e despojada com o mínimo possível de pinceladas.

Lizard

Eigo Okajima

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Hiromi Otaka

Toubi

Breve Biografia

Membro da International Association of SUMI e participante da exposição Art Beyond Boundaries in TOKYO. Em 2026, recebeu o Prêmio Especial do Júri (Arisumi Mitamura Award). Em 2023, recebeu o Prêmio do Superintendente de Educação da Prefeitura e o Prêmio de Incentivo na Shinkozou Exhibition. Em 2022, recebeu o Prêmio de Excelência na exposição Painting Nature, do The Ueno Royal Museum, e Menção Honrosa no Art Olympia. Entre 2018 e 2026, foi selecionado por oito anos consecutivos para a Kokuten Exhibition. É membro associado da The Kokuga Association.

Sobre a obra

Uso a tinta como meu meio de expressão e capto as sensações que tocam meu coração. Enquanto deslizo incessantemente o pincel sobre folhas de papel, em um estado de pura ausência de pensamentos, uma certa presença inevitavelmente se revela. Essas formas que emergem manifestam meu mundo espiritual interior e invisível — um reino de luz e amor. Nascida das profundezas da minha alma, essa luz me conecta ao mundo.

Link to the World

Hiromi Otaka

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Hiroyuki Kanda

Jinun

Breve Biografia

Membro da International Association of SUMI e participante da exposição Art Beyond Boundaries in TOKYO. Em 2026, recebeu o Prêmio Especial do Júri.

Sobre a obra

Técnica / materiais: Tinta sumi sobre papel.

Inspirada na representação do jovem herói Sakata Kaidōmaru, de Utagawa Kuniyoshi, esta pintura em sumi retrata um kappa — ser aquático do folclore japonês, conhecido por sua força no sumô — erguendo uma grande carpa. Segundo uma lenda chinesa, a carpa que consegue subir uma cachoeira transforma-se em dragão. Ao erguer esse peixe que persevera em sua ascensão, o kappa simboliza um desejo auspicioso (kisshō) de crescimento e sucesso, levando ao Brasil, para além das fronteiras, o universo dos yōkai japoneses.

Kappa and the Great Carp

Hiroyuki Kanda

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Junko Hosomi

Junshin Hosomi

Breve Biografia

Membro da International Association of SUMI e participante da exposição Art Beyond Boundaries in TOKYO. Recebeu o Prêmio Internacional de Cultura, em 2025, e o Prêmio Internacional da Amizade, em 2026. Em 2021, foi artista convidado para representar a cultura japonesa na Expo Dubai, nas áreas de sumi-e e cerimônia do chá. É também membro da Aichi Art & Culture Network, na área de Artes.

Sobre a obra

Técnica / materiais: Tinta sumi sobre papel.

Esta obra é inspirada no Awa Odori, tradicional festival de dança de Tokushima, no Japão. Seu ritmo alegre e o convite à dança remeteram-me ao samba brasileiro. Por meio da tinta sumi e do espaço vazio, busquei expressar a energia festiva das pessoas dançando juntas.

Vem que tem!

Junko Hosomi

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Kaoru Kondo
Keiryu Kondo

Sobre a obra

Técnica / materiais: Tinta sobre papel.

Uma peônia de branco puro, com uma fragrância celestial.

Heavenly Fragrance
Kaoru Kondo
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Keiko Kushida

Tobkei Kushida

Breve Biografia

Membro da International Association of SUMI e participante da exposição Art Beyond Boundaries in TOKYO.

Sobre a obra

Técnica / materiais: Tinta sobre papel.

Bamboo and Sparrow

Keiko Kushida

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Kumiko Fujimura

Kumiko Fujimura

Breve Biografia

Vive em Zaragoza desde 1997 e, em 2004, fundou a Associação Cultural Aragón Japón, da qual é presidente. Dedicar-se ao ensino de sumi-e e organiza diversas exposições ao longo do ano. Desde 2024, participa, juntamente com seus alunos, da exposição Art Beyond Boundaries. A cada edição, o grupo busca aprimorar seus trabalhos, alcançando progressos significativos.

Sobre a obra

Técnica / materiais: Tinta sobre papel.

Este ano, tenho me dedicado à pintura de gatos, descobrindo novas possibilidades nessa temática.

Playing with cats

Kumiko Fujimura

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Mayumi Aono

Tousei Aono

Breve Biografia

Após me formar na Universidade de Arte e Design Joshibi, trabalhei inicialmente como designer gráfico no departamento de produção de uma gráfica. Em seguida, atuei como designer de ambientes na divisão de design de uma construtora, antes de montar um escritório compartilhado e um estúdio de fotografia e design no bairro de Shibaura, em Tóquio, com meus colegas. Atualmente, trabalho como freelancer, desenvolvendo projetos autorais e também ministrando aulas de pintura e cerâmica, que são meus hobbie.

Sobre a obra

Técnica / materiais: tinta sobre papel.

Uma heroína serena, cuja beleza se revela em um yukata de verão, enquanto segura delicadamente um leque dobrável.

The Folding-Fan Heroine
Mayumi Aono
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Sugiura Miyoko
Sugiura Miyoko

Breve Biografia

Membro da International Association of SUMI e participante da exposição Art Beyond Boundaries in TOKYO.

Sobre a obra

Técnica / materiais: Tinta sobre papel.

Borderless
Sugiura Miyoko
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Miyuki Kotsugai

Tobkai kotsugai

Breve Biografia

Membro da International Association of SUMI e participante da exposição Art Beyond Boundaries in TOKYO. Recebeu o Prêmio Internacional da Amizade, em 2025, e o Prêmio Internacional de Arte, em 2026.

Sobre a obra

Técnica / materiais: Tinta sobre papel.

Musashi é conhecido como um símbolo do espírito japonês do Bushido e desenvolveu seu próprio e singular Nitōryū (Estilo das Duas Espadas), baseado na arte marcial e na estratégia. Esta obra captura o instante fugaz em que ele confronta seu adversário, revelando a disciplina do espírito e a habilidade aperfeiçoadas ao longo de sua trajetória.

The Spirit of Musashi

Miyuki Kotsugai

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Miyuki Miki

Toko Miki

Breve Biografia

Calígrafo e professor de pintura em sumi, é membro do Conselho da International Association of SUMI. Em 2026, recebeu o Prêmio Especial de Honra no Art Beyond Boundaries.

Sobre a obra

Técnica / materiais: tinta sobre papel.

Uma ave de grande porte e singular beleza, nativa do norte do Japão, conhecida por sua elegante dança de cortejo.

Red-crowned Crane

Miyuki Miki

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Reiko Chubachi

Tobou Chubachi

Breve Biografia

Membro da International Association of SUMI e participante da exposição Art Beyond Boundaries in TOKYO. Recebeu diversos prêmios, entre eles o Grande Prêmio no Art Beyond Boundaries in TOKYO 2023. Dedicar-se ao ensino de sumi-e para pessoas de diferentes faixas etárias e realizou numerosas exposições individuais, com ampla receptividade do público.

Sobre a obra

Técnica / materiais: Tinta sumi sobre papel.

Dawn

Tobou Chubachi

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Rika Akiyama

Tohsyu Akiyama

Breve Biografia

Membro da International Association of SUMI e participante da exposição Art Beyond Boundaries in TOKYO. Recebeu o Prêmio Internacional de Honra, em 2025, e o Prêmio Internacional de Cultura, em 2026.

Sobre a obra

Técnica / materiais: Tinta sumi e ouro sobre papel.

Comentário sobre o poema representado na obra: “Quem terá polido este Monte Fuji, semelhante a uma flor de hibisco, até alcançar tamanha beleza, utilizando as águas do Mar do Leste?”

Mount Fuji Shining Above a Sea of Clouds

Rika Akiyama

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Rika Ito

Laisai

Breve Biografia

Membro da International Association of SUMI

Participante da exposição Art Beyond Boundaries in Tokyo

Recebi o Segundo Prêmio em 2017 e, desde então, tenho recebido premiações todos os anos, até o presente, em 2026.

Outono de 2024 — NY Calligraphy Exhibition: Segundo Prêmio

Participou do Salon d’Automne, na França, em 2025.

Participei várias vezes da Exposição Pública Internacional Art Beyond Boundaries, realizada no National Art Center, em Tóquio, e recebi muitos outros prêmios.

Minhas obras foram expostas em Nova York, na França, em Madeleine e na Bastille Art Gallery.

A fabricante de equipamentos para jogos Pulsar utiliza meu desenho em sumi-e de um falcão em um mouse pad.

Meu trabalho foi publicado na revista Japan Art Republic, que apresenta obras de artistas japoneses exibidas na França. Meu trabalho também foi publicado em revistas japonesas de arte.

Sobre a obra

Técnica: tinta sobre papel

Uma batalha sem retorno. À frente de seu exército, o general esporeia o cavalo e avança.

The Unwavering Path
Rika Ito
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Satomi Kamei
Satomi's Atelier

Breve Biografia

Sua trajetória artística teve início no Japão, com a pintura e a caligrafia, e posteriormente se ampliou para a aquarela, o desenho de figura humana e a pintura a óleo, tanto no Japão quanto nos Estados Unidos. Paralelamente à participação em exposições e ao recebimento de prêmios por seus trabalhos em aquarela, tem se dedicado à difusão da caligrafia japonesa e do sumi-e em comunidades locais.

Nos últimos anos, recebeu reconhecimento da Sumi-e Society of America e foi convidada a participar de uma exposição de sumi-e com seis artistas em Washington, D.C. Atualmente radicada em Illinois, dedica-se principalmente à caligrafia zen e ao sumi-e, buscando compartilhar a beleza da arte japonesa em tinta e os valores de atenção plena e harmonia que ela expressa. Por meio de sua obra, espera promover conexões humanas e contribuir, ainda que modestamente, para a paz no mundo. Deseja também que sua arte possa transmitir o coração e o espírito de Hiroshima, sua terra natal.

Sobre a obra

Técnica / materiais: Sumi, aquarela e caligrafia waka

Este kakejiku é a obra final, Inverno, de uma série de quatro trabalhos dedicados às quatro estações. Por meio da presença silenciosa da lua, expressa a beleza e a quietude do inverno. Enraizada na tradição japonesa do sumi-e e inspirada na estética Rinpa, a obra combina pintura em tinta, aquarela e caligrafia waka, evocando uma sensação de paz interior.

Winter
from the series "Circle-Four Seasons Birds and Flowers"
Satomi Kamei
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Tohrin Hoshino

Tohrin Hoshino

Breve Biografia

Membro da International Association of SUMI e participante da exposição Art Beyond Boundaries in TOKYO. Em 2026, recebeu o Prêmio Especial do Júri.

Sobre a obra

Técnica / materiais: Tinta sumi e gansai sobre papel

Moon viewing
Tohrin Hoshino
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Yuka Goto

Tohyu Muto

Breve Biografia

Membro da International Association of SUMI e participante da exposição Art Beyond Boundaries in TOKYO. Ilustradora e artista de pintura em tinta, desenvolveu numerosas ilustrações, incluindo peças visuais principais para eventos, produtos de personagens e livros digitais, destacando-se por uma linguagem própria no uso do pincel.

Sobre a obra

Técnica / materiais: Tinta sobre papel.

Komainu zu (guardian lion-dogs)

Tohyu Muto

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Yoshiko Sukigara

Myoun Sukigara

Breve Biografia

Ilustradora japonesa e artista de sumi-e com mais de 40 anos de experiência. É organizadora e produtora da Tokyo Cat Art Exhibition e recebeu prêmios na Nika Exhibition e em exposições de sumi-e. Participou de numerosas exposições individuais e coletivas e é autora de mais de 20 livros sobre arte. Graduiu-se pela Musashino Art University e pela pós-graduação da Nihon University.

Sobre a obra

Técnica / materiais: Tinta sumi e pigmento dourado sobre papel

Esta obra foi criada com técnicas de sumi-e, explorando a beleza das gradações e expansões da tinta, assim como os efeitos do pincel seco. Retrata uma bela mulher dançando no Carnaval brasileiro, acompanhada por um gato que dança alegremente ao seu lado. Criei esta obra com o desejo de também participar dessa dança. Por meio da arte e da cultura, espero aprofundar os laços de amizade entre Brasil e Japão e contribuir para a paz no mundo.

Carnival and Cat
Yoshiko Sukigara
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Yumiko Kawasaki

Tobro Kawasaki

Breve Biografia

Membro do Conselho da International Association of SUMI. Recebeu o Prêmio Especial do Júri no Art Beyond Boundaries in TOKYO.

Sobre a obra

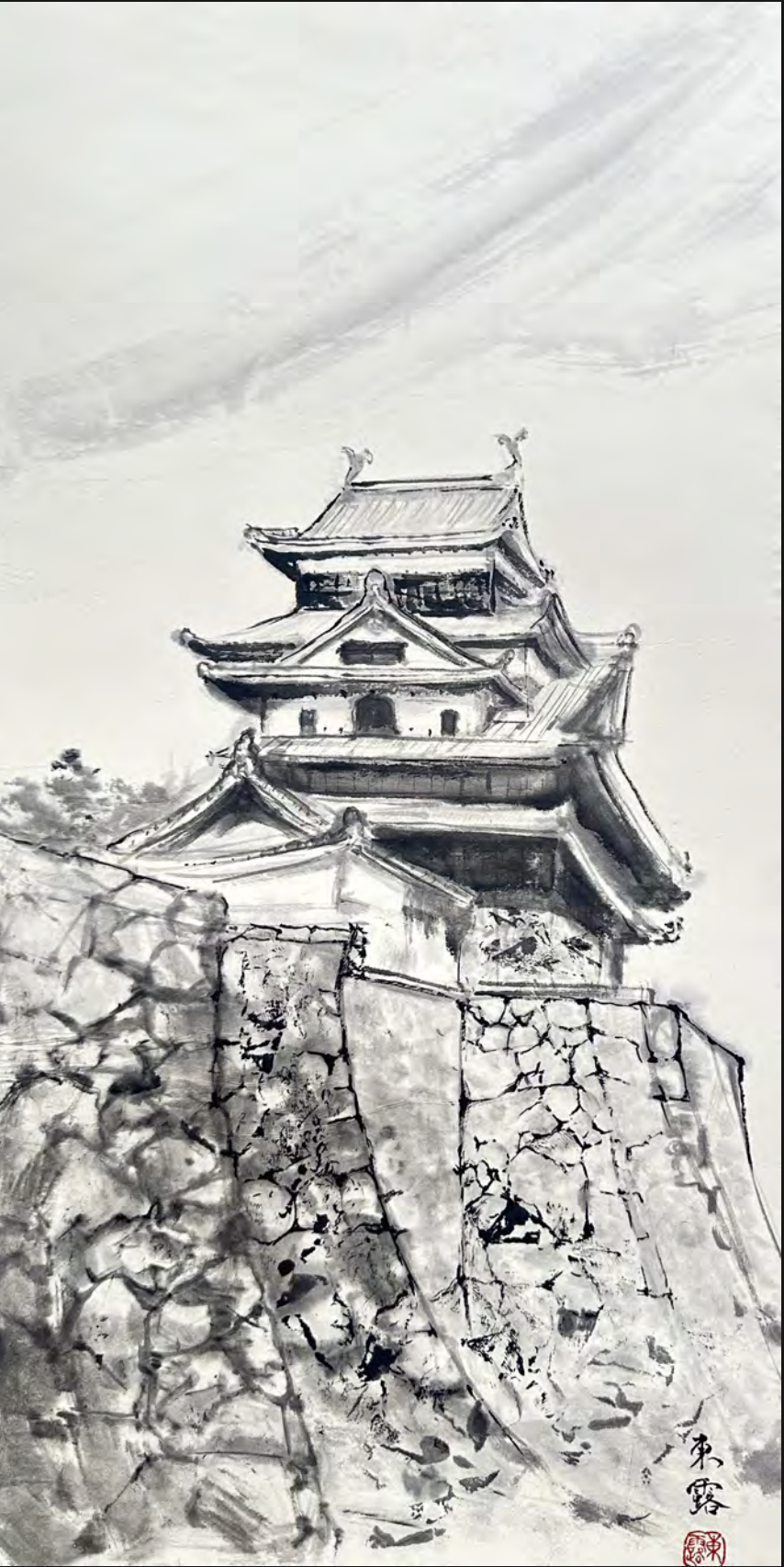
Técnica / materiais: Tinta sobre papel.

Durante uma viagem a Shimane, deparei-me com um castelo reconhecido como Tesouro Nacional. A emoção diante dessa descoberta foi tão intensa que senti o desejo de retratá-lo.

Matsue Castle, a National Treasure

Yumiko Kawasaki

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



GALERIA INTERNACIONAL



ALEMANHA

Galina Lipps

Lina Lipps

Breve Biografia

Educadora da primeira infância e artista radicada na Alemanha, dedica-se à pintura oriental tradicional a tinta.

Desde 2025 estuda sumi-e sob orientação de Harumi Tohsei Kobayashi, Vice-Presidente e Instrutora Executiva da International Association of SUMI, dando continuidade à sua formação após concluir o Curso Básico de Sumi-e.

Em 2026 participou da exposição Art Beyond Boundaries, em Tóquio.

É membro da associação artística alemã Bunter Hund, em Karlsruhe (Baden-Württemberg), participando regularmente de exposições e desenvolvendo atividades criativas destinadas a adultos e crianças.

Sobre a obra

Um barco desliza silenciosamente sobre águas tranquilas em direção a horizontes distantes.

A obra reflete a jornada humana através da natureza e do espaço.

Os pinheiros simbolizam resiliência e força interior, enquanto as aves representam a liberdade de escolher o próprio caminho.

The Way Beyond
Galina Lipps
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Katja Hiendlmayer

Katja Hiendlmayer

Breve Biografia

Artista de sumi-e, professora e fotógrafa, reside em Berlim, Alemanha.

É membro da filial berlinense da escola Hokuto Itto-ryu e estuda sumi-e sob a orientação de Rita Böhm.

Sobre a obra

Técnica: tinta sumi sobre papel.

A artista procura explorar ao máximo o espaço vazio do papel washi, utilizando pinceladas marcantes e expressivas.

Essa abordagem reflete uma sensibilidade estética compartilhada tanto pelas artes marciais japonesas quanto pela tradição da pintura oriental a tinta.

Crab

Katja Hiendlmayer

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Dr. Natalia Von Westernhagen

那多里愛 (Na-Ta-Ri-A)

Breve Biografia

Desde 2021, estuda continuamente sumi-e sob orientação de Harumi Tohsei Kobayashi, artista japonesa radicada em Tóquio e Vice-Presidente da International Association of SUMI.

Também aperfeiçoou sua formação em cursos ministrados por Koshu, artista japonês residente no Reino Unido, participou de oficinas conduzidas por Margot Tohkou Olejniczak, no EKO-Haus da Cultura Japonesa, em Düsseldorf, e realizou estudos com Renalisa Bergmann, da Sociedade Germano-Japonesa de Frankfurt.

Desde 2020 desenvolve, paralelamente, pesquisa artística autodidata.

Sobre a obra

A pintura retrata os delicados ramos de uma cerejeira logo após a chuva, quando gotas azuladas ainda repousam sobre as flores.

A chuva simboliza o início de um novo ciclo: purifica lembranças e sentimentos dolorosos, abrindo espaço para novos pensamentos, novas perspectivas e novas experiências.

As flores de sakura, que desabrocham na primavera, representam a delicadeza e a sensibilidade dos sentimentos humanos, lembrando-nos da importância de acolher novos começos.

New Beginning

Natalia Von Westernhagen

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Rita Böhm

Breve Biografia

Rita Böhm é uma artista e mestra de sumi-e reconhecida internacionalmente. Durante mais de quinze anos estudou com o mestre japonês Massao Okinaka, aprofundando seus conhecimentos na tradição da pintura oriental a tinta.

Fundou escolas de sumi-e no Brasil, nos Estados Unidos e na Alemanha, contribuindo de forma significativa para a difusão internacional dessa arte.

Suas obras receberam numerosos prêmios e distinções de prestígio. Em sua produção artística, alia as técnicas tradicionais do sumi-e a uma linguagem visual contemporânea, sensível e refinada.

Vive e trabalha em Berlim.

Sobre a obra

Esta obra reúne a tradição da pintura oriental a tinta a uma linguagem visual contemporânea e minimalista.

Os tigres, representados por meio de poucas e precisas pinceladas, transmitem simultaneamente força, serenidade e elegância.

O uso deliberado do vazio cria uma atmosfera meditativa, evocando a tradição clássica do sumi-e e da pintura Zen. O kakejiku destaca-se pelo equilíbrio harmonioso entre movimento e quietude, bem como pela delicadeza da técnica da tinta.

Hunting Tigers

Rita Böhm

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Simone Wiegand

Breve Biografia

Iniciou seus estudos de sumi-e há cinco anos sob orientação da mestra Margot Tohkou Olejniczak. Desde então, participa anualmente da exposição internacional Art Beyond Boundaries, em Tóquio. Em 2025 recebeu o International Art Award, em reconhecimento à qualidade de sua produção artística. Suas obras também foram apresentadas na Embaixada do Japão em Berna e no EKO-Haus da Cultura Japonesa, em Düsseldorf. Por meio do sumi-e, busca expressar a essência da natureza e a beleza silenciosa presente na simplicidade, na espontaneidade e na contemplação atenta.

Sobre a obra

O cavalo simboliza movimento e energia, enquanto o pinheiro representa permanência e estabilidade. Juntos, refletem um dos temas recorrentes do sumi-e: o equilíbrio entre ação e quietude. A névoa suaviza a paisagem, abrindo espaço para a imaginação e conduzindo o olhar para o essencial.

Spirit of the Wind
Simone Wiegand
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



ARGENTINA

Carlota Beatriz Arónica

Carlota B. Arónica

Breve Biografia

Escultora e gravadora, incorporou o sumi-e, o mokuhanga (gravura japonesa em madeira) e o haicai à sua produção artística. Ministrou oficinas em diversos centros culturais e em seu próprio ateliê.

Recebeu formação artística na Escola de Artes Figueroa Alcorta e participou de oficinas com artistas nacionais e internacionais.

Participou de inúmeras exposições e salões nacionais e internacionais, recebendo diversos prêmios e seleções.

Em 2025, sua obra Blue Birds recebeu o Diploma de Honra e o International Sumi-e Prize na exposição Art Beyond Boundaries, realizada no National Art Center, em Tóquio.

Em 2026, sua obra High Peaks foi distinguida com o Diploma de Honra e o Excellence Award, também na exposição Art Beyond Boundaries, em Tóquio.

Sobre a obra

High Peaks evoca o Parque Nacional Quebrada del Condorito, localizado na província de Córdoba, Argentina.

O olhar e o voo sereno do condor parecem proteger seu habitat natural. Executada em tinta sobre papel de arroz, a obra celebra a imponência da paisagem andina e a harmonia entre a ave e seu ambiente.

High Peaks

Carlota Beatriz Arónica

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



M. Julia Guzmán

Julia Guzmán

Breve Biografia

Iniciou seus estudos de sumi-e em 2010 com Fumiko F. de Fushimi. Posteriormente, aperfeiçoou-se com Carina Gulio, Ricardo Burgos (Argentina), Luciana Rago (Argentina/Espanha) e, desde 2024, estuda on-line com Harumi Kobayashi Sensei, formação que continua desenvolvendo com grande entusiasmo.

Em 2025 participou, juntamente com Carlota B. Arónica, de exposições em Carlos Paz (Córdoba) e Chivilcoy (Buenos Aires).

Ministra oficinas de sumi-e no Encuentro Nacional de Artes Orientales desde 2024, além de atividades em diversas cidades de sua província.

Participou das exposições Art Beyond Boundaries, em Tóquio (2025 e 2026), e em Zaragoza, Espanha (2026).

Sobre a obra

Os Farallones de Capri revelaram-se diante de mim durante uma travessia de balsa via Positano, em outubro passado. Surgiram inesperadamente, erguidos no meio do mar, causando um profundo impacto.

Fiquei fascinada com aquela beleza que parecia existir isolada de tudo. Naquele instante compreendi que desejava transformar essa experiência em uma pintura sumi-e, compartilhando essa sensação de contemplação na exposição Art Beyond Boundaries 2026.

Farallones de Capri
M. Julia Guzmán
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Silvia Torres Luyo

Shi Ru Bi A

Breve Biografia

Artista argentina de sumi-e, combina as tradições da pintura oriental a tinta com uma linguagem contemporânea, explorando o vazio, o gesto e a emoção. Sua produção reúne figuras femininas, elementos da natureza, animais, paisagens simbólicas e quimonos, organizados em séries como Women of Ink, Women Dragon, The Tiger and the Butterfly, Shizen e Memories of Water.

Seu trabalho inspira-se na pintura japonesa e chinesa a tinta, na caligrafia, na estética Zen e nos processos tradicionais de fabricação do papel. Formou-se artisticamente na Argentina, na Espanha e no Japão, estudando com Harumi Tohsei Kobayashi, Bifu Nakatani, Luciana Rago, Carina Gulio e Henry Li.

Participou de exposições no Japão, Espanha e Argentina, recebendo diversos prêmios no Art Beyond Boundaries, em Tóquio, entre eles o International Grand Prize 2026.

Sobre a obra

"I Can Feel You" é uma obra de sumi-e de atmosfera onírica, na qual tinta, vazio e gesto constroem uma presença silenciosa e profundamente emocional. O colar discretamente desalinhado, a mancha escura que sugere um obi invisível e as bordas salpicadas evocam a passagem de uma tempestade.

Seu rosto expressa o yūgen — a beleza sugerida, jamais plenamente revelada — e seu olhar parece transmitir uma mensagem de acolhimento:

"Eu vejo você. Eu aceito você."

I can feel you
Silvia Torres Luyo
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



AUSTRÁLIA

Carmelita Holt

CSV Holt

Breve Biografia

Desde a infância desenvolveu uma profunda relação com as artes, influenciada pelo ambiente artístico de sua família. Essa convivência moldou sua percepção estética e contribuiu para o desenvolvimento de sua linguagem pessoal, refletida na diversidade de sua produção artística.

Sobre a obra

Esta pintura em sumi-e retrata uma paisagem invernal em Mount Donna Buang, no estado de Victoria, inspirada pelas lembranças de uma caminhada realizada naquele local.

Ao percorrer a floresta, a artista foi profundamente tocada por sua beleza silenciosa. A neve permanece sobre a paisagem, preservando a atmosfera de serenidade e contemplação daquele momento.

Wintry Woodland
Carmelita Holt
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Isabelle Kawai Vincent

Breve Biografia

Artista nipo-australiana nascida na Austrália, Isabelle reúne em sua produção as duas heranças culturais que compõem sua identidade.

Após estudar arte e cultura tradicionais japonesas, passou a aplicar esses conhecimentos em temas da tradição ocidental. A mitologia, entendida como expressão simbólica da complexidade da natureza humana, tornou-se uma das principais fontes de inspiração de sua obra.

Embora resida na Austrália, viaja regularmente ao Japão para manter viva sua conexão com suas raízes culturais.

Sobre a obra

Hera, a Deusa das Mulheres combina técnicas tradicionais do sumi-e para representar a personalidade dinâmica e poderosa da deusa Hera.

Rainha dos deuses do Olimpo na mitologia grega, Hera é venerada como deusa das mulheres, da maternidade, da família e do casamento. A obra une a expressividade da tinta oriental ao universo simbólico da tradição clássica ocidental.

Hera, the Goddess of Women

Carmelita Holt

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Stephen Carroll

Stephen Carroll

Breve Biografia

Iniciou seus estudos de sumi-e com Janet Twigg-Patterson, na Red Crane Gallery, em Canberra. Posteriormente, aperfeiçoou sua formação no Japão, China e Coreia do Sul.

Participou de exposições na Austrália, Canadá, China, Japão e Espanha.

Sobre a obra

Pintura realizada em tinta japonesa sobre papel de bambu Awagami.

Poppies

Stephen Carroll

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



CHILE

Carolina Cisneros

Breve Biografia

Artista visual e arteterapeuta, desenvolve uma produção fundamentada no realismo tradicional e na investigação da luz, da cor e da atmosfera, inspirada pela herança impressionista. Por meio da observação atenta da natureza, procura captar instantes efêmeros de beleza, tanto em amplas paisagens quanto em delicadas formas naturais.

Grande parte de sua trajetória foi dedicada à dimensão terapêutica da arte, coordenando programas voluntários de arteterapia em hospitais públicos para crianças em tratamento de longa permanência.

Desde 2024, passou a dedicar-se ao sumi-e sob a orientação da professora Elisa Antú. Suas obras foram apresentadas pela Galería MOVA, no Barrio Italia, e pela MOA International, no Chile.

Sobre a obra

Realizada na técnica do sumi-e, a obra retrata peônias dispostas em um cesto por meio de pinceladas expressivas e delicadas variações tonais.

As peônias simbolizam prosperidade, honra e beleza, enquanto o cesto representa abundância e harmonia doméstica. As pétalas suavemente diluídas contrastam com a intensidade das folhas escuras, criando profundidade e movimento.

O amplo espaço vazio confere serenidade e equilíbrio à composição. Os dois selos vermelhos no canto inferior constituem a assinatura da artista: o selo superior simboliza um espírito livre, enquanto o inferior representa a temperança.

Cesta de peonías (Basket of Peonies)

Carolina Cisneros

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Elisa Antu

Breve Biografia

Iniciou sua trajetória na arte japonesa sob a orientação de professores japoneses, estudando shodō e modelagem manual em argila. Desde 2000, desenvolve uma produção artística autoral inspirada na extraordinária diversidade geográfica e cultural do Chile, retratando flores e paisagens características de seu país.

Movida por seu espírito de pesquisadora, tornou-se professora de sumi-e em 2007, ministrando cursos em instituições japonesas e na comunidade japonesa do Chile.

Atualmente, conduz oficinas de sumi-e em parceria com a Fundação MOA International e também oferece aulas particulares. Paralelamente, fundou um clube de sumi-e que reúne alunos e artistas em diferentes regiões de Santiago, promovendo o intercâmbio e a difusão dessa tradição artística.

Sobre a obra

Bosque de Araucárias é um dos temas mais representativos de sua produção artística. A imponência dessas árvores, sua extraordinária beleza e sua capacidade de sobrevivência diante do frio intenso e dos incêndios naturais constituem uma profunda fonte de inspiração.

Coincidentemente, entre 2025 e 2026, extensas áreas de araucárias centenárias foram devastadas por grandes incêndios, justamente durante o período da exposição realizada no Japão.

Como uma mensagem sincronizada, a obra reafirma a importância da preservação dessas antigas florestas do Chile e do Brasil, cujas espécies aparentadas produzem o pinhão, alimento tradicional dos povos originários.

Bosque de Araucarias

Elisa Antu

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Luciane Deradi

Breve Biografia

Formou-se em Artes pela Universidade Santa Marcelina entre 1984 e 1989.

Para a artista, o sumi-e representa um caminho de autoconhecimento e de expressão daquilo que existe no interior do ser humano. Por meio da simplicidade do pincel e do gesto, procura revelar valores como amor, gentileza e serenidade.

Sobre a obra

O bambuzal é apresentado como um espaço de silêncio e contemplação.

Ao ouvir o som do vento e observar o movimento dos bambus, encontramos um caminho para a paz interior e para o reencontro com o espírito.

Spirit of Silence

Luciane Deradi

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Maria Jesús Zúñiga Copaja

Breve Biografia

Sua trajetória no sumi-e é relativamente recente, mas suficiente para descobrir, observar e contemplar as qualidades da natureza que também habitam o ser humano.

Para a artista, a presença e a quietude proporcionadas pelo sumi-e constituem um verdadeiro presente para a alma nos tempos atuais. O aprendizado compartilhado com sua professora e seus companheiros representa um tempo sagrado, capaz de promover uma silenciosa transformação interior em uma sociedade acelerada, onde a arte muitas vezes recebe pouco espaço e reconhecimento.

Acredita que o sumi-e cultiva sentimentos de paz e harmonia no coração humano, contribuindo, assim, para a construção de um mundo mais pacífico.

Sobre a obra

No Chile, a flor conhecida como pluma (Celosia plumosa) floresce na primavera.

Seus delicados tons violáceos, sua forma elegante e seu suave perfume anunciam um novo sopro de vida no cotidiano. Seu espírito primaveril recorda a natureza cíclica da existência, os presentes oferecidos por cada estação e a importância de confiar nos processos da vida — afinal, uma flor jamais duvida do momento de seu próprio florescimento.

Spirit of trust
Maria Jesús Zúñiga Copaja
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



ESPAÑHA

Cristina Domínguez

Madamesunday

Breve Biografía

Graduada em Geografia e História pela Universidade de Barcelona e em Engenharia Cartográfica pela Universidade Estatal de Moscou.

Seu contato com a arte oriental teve início há mais de trinta anos.

Trabalhou durante quinze anos como cartógrafa editorial e outros quinze como professora do ensino médio.

Nos últimos cinco anos passou a dedicar-se integralmente à arte, ministrando cursos e conferências sobre arte japonesa.

Expôs em Barcelona, Girona, La Vall d'en Bas, Berna e Tóquio.

Concluiu a formação avançada em sumi-e junto à International Association of SUMI e liderou a segunda itinerância da exposição Art Beyond Boundaries na Espanha, em 2023.

Também possui formação em curadoria e atualmente desenvolve estudos voltados à sustentabilidade aplicada às artes.

Embora a tinta seja seu principal meio de expressão, também realiza pinturas a óleo e projetos comunitários de arte têxtil.

Sobre a obra

Esta obra presta uma delicada homenagem à flora e à fauna das florestas tropicais.

O tucano, com sua anatomia singular e gestos curiosos, convida o observador a contemplar a extraordinária riqueza da biodiversidade.

Ao representar um casal de aves, a artista ressalta a importância das relações, especialmente da relação entre a humanidade e o meio ambiente.

O olhar de tucano

Cristina Domínguez

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Jose Maria Baselga Domingo

Jose Maria Baselga

Breve Biografia

Estuda sumi-e há oito anos sob orientação de Kumiko Fujimura.

Além da pintura oriental a tinta, dedica-se ao estudo e à prática de diversas técnicas de desenho, buscando constante aperfeiçoamento artístico.

Sobre a obra

A obra retrata duas pequenas garças em voo sobre um rio, tendo ao fundo um canavial.

Por meio de uma composição simples e equilibrada, a pintura transmite leveza, serenidade e o movimento harmonioso da natureza, características essenciais da estética do sumi-e.

Flying egrets
Jose Maria Baselga Domingo
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Lola Subias Perez

Lola Subias

Breve Biografia

Apaixonada pela pintura desde muito jovem, formou-se na Escola de Artes de Zaragoza.

É integrante da Associação de Aquarelistas de Aragón.

Há quinze anos dedica-se à prática do sumi-e sob a orientação de Kumiko Fujimura, professora que a inspira a sentir, compreender e apreciar profundamente essa técnica artística pela qual nutre grande admiração.

Sobre a obra

A obra retrata duas grou-de-coroa-vermelha em perfeita harmonia com a natureza, tendo como fundo uma atmosfera em delicados tons de cinza.

Red-crowned crane
Lola Subias Perez
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Montserrat Méndez

Breve Biografia

Graduada em Belas-Artes pela Universidade de Barcelona, possui pós-graduação em Ilustração Científica.

Pratica sumi-e desde 2016 e obteve certificação Nível II pela International Association of SUMI, em Tóquio.

Sua produção artística combina a tradição da pintura oriental a tinta com sólida formação em desenho e ilustração, valorizando a observação da natureza e a expressividade do gesto.

Sobre a obra

Obra realizada em tinta sumi sobre papel Xuan, com delicados toques de aquarela Kuretake.

Original com aproximadamente 70 × 90 cm, a pintura explora a elegância do bambu por meio da síntese característica do sumi-e, equilibrando intensidade do traço, transparência da tinta e amplos espaços de vazio.

Visit to the bamboo
Montserrat Méndez
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Rebeca Roca Pritchard

Kawasuki Yasue

Breve Biografia

Artista, professora e promotora cultural especializada em pintura japonesa sumi-e.

Graduou-se em Belas-Artes pela Universidade Politécnica de Valência e iniciou sua formação artística nos Estados Unidos.

Seu percurso no sumi-e começou em 2007 e, desde então, dedica-se ao ensino e à difusão dessa arte, integrando os princípios do Bunburyōdō, que harmoniza desenvolvimento artístico e marcial.

Atualmente exerce o cargo de Secretária da European Bugei Society e dirige a galeria de sumi-e do Fûryûkan Bugei Dôjô, onde ministra cursos presenciais e on-line.

Recebeu reconhecimento do Hall of Fame of Martial Arts e da Prefeitura de Valência como "Bugei Pioneer and Sumi-e Painter of the Year".

Suas obras receberam premiações internacionais no Japão e foram expostas em diversos países, promovendo o intercâmbio cultural entre Japão, Espanha e outras nações.

Em 2022 organizou com sucesso a edição espanhola da exposição Art Beyond Boundaries, realizada em Valência.

Sobre a obra

Obra contemporânea executada em tinta sumi sobre papel.

Representa o tronco retorcido de uma antiga árvore, sobre o qual um caracol parece preparar-se para iniciar sua descida.

A composição convida à contemplação da passagem do tempo, da perseverança e da lenta transformação da natureza.

Em Louvor à Dúvida (In Praise of Doubt)

Rebeca Roca Pritchard

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Reyes Muñoz

Conversations in the wind
Reyes Muñoz
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



ESTADOS UNIDOS

Ann Kozeliski

A.E.Kozeliski

Breve Biografia

A criação artística acompanha toda a sua vida.

É uma premiada artista de sumi-e em âmbito nacional nos Estados Unidos.

Há mais de trinta anos expõe regularmente em mostras regionais, nacionais e internacionais.

Em 2015 apresentou a exposição individual Portraits in Passing, em Tianjin, China.

Atualmente realiza uma exposição individual no Appleton Museum of Art, em Ocala, Flórida.

Para a artista, o significado de suas obras permanece aberto à sensibilidade de cada observador.

É justamente essa abertura que aproxima seu trabalho do espírito do sumi-e, não pela imitação da tradição, mas pela busca da impermanência, da fragilidade e da esperança que permeiam a vida.

Sobre a obra

Executada exclusivamente com tinta sumi sobre papel Xuan duplo, esta obra foi inspirada na ceramista Nancy Jefferson.

Retrata a força, a experiência e o domínio adquiridos ao longo de uma vida dedicada à cerâmica.

Enquanto suas mãos moldam o barro sobre a roda, a artista parece mergulhada em seu próprio universo de lembranças, preparando silenciosamente sua próxima criação.

The Potters Hands

Ann Kozeliski

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



María Norma HS Papp

Breve Biografia

Artista internacionalmente reconhecida, dedica-se há mais de cinquenta anos à tradição asiática da pintura a tinta.

Especializou-se em sumi-e nos Estados Unidos, complementando sua formação com mestres no Japão e na China.

Na China, realizou estudos intensivos sobre cultura, história e técnicas de pintura a tinta na Faculdade de Artes de Tianjin.

Desde 2005, suas obras vêm sendo selecionadas para as Exposições Internacionais Juradas de Sumi-e realizadas em Osaka, Kyoto e Tóquio.

Como artista e professora, ensinou sumi-e em diferentes níveis de formação, desde o ensino universitário até cursos destinados a crianças.

Suas obras integram coleções particulares na Argentina, no Japão e nos Estados Unidos.

Foi convidada a integrar a International Calligraphy and Chinese Ink Painting Arts Society, presidida por Ryunosuke Yakata, e é membro da Sumi-e Society of America há mais de trinta anos.

Sobre a obra

Após muitos anos estudando como captar a essência da natureza, das paisagens e das pessoas, meu pincel voltou-se para a figura humana.

Por meio de pinceladas espontâneas e vigorosas, realizadas em poucos minutos, procuro revelar a essência do tema — aquilo que permanece no coração da artista.

Nesse instante delicado, o pincel começa a dançar, dando origem a esta obra.

Executadas apenas em tinta monocromática, as duas mulheres revelam elegância e delicadeza; cada pincelada lhes confere vitalidade, tornando expressiva até mesmo a visão de suas costas.

Two women

María Norma HS Papp

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



FRANÇA

Fernande Jean-Joseph

Fern Jean-Joseph

Breve Biografia

Poeta, artista visual e criadora de experiências poéticas imersivas.

Poeta e artista visual franco-britânica radicada em Londres, desenvolve uma produção fundamentada no haikai, no senryū e na estética japonesa. Sua obra transita entre poesia, artes visuais, vídeo e linguagens imersivas, criando espaços contemplativos nos quais silêncio, textura e imagem tornam-se parte da linguagem poética.

Influenciada pela filosofia do wabi-sabi e pela delicada beleza da impermanência, sua produção reflete sobre memória, natureza, vulnerabilidade humana e ressonância emocional.

Sua coletânea bilíngue Life in 3 Lines inspirou colaborações que unem poesia, sumi-e, chigiri-e, cinema e instalações visuais imersivas.

Por meio da palavra e da composição visual, convida o observador a desacelerar, contemplar e sentir com maior profundidade.

Sobre a obra

O silêncio não é vazio. Ele sustenta.

Esta obra investiga o silêncio não como ausência, mas como intensidade: uma presença tão forte que ressoa.

Formas suaves, rasgadas, sobrepõem-se a densos tons minerais de carvão, cinza e ocre, evocando a sensação de uma respiração suspensa.

Inspirada na tradicional arte japonesa do chigiri-e, a obra reinterpreta o papel rasgado e as texturas em camadas por meio de uma linguagem digital contemporânea.

A Deafening Silence

Fernande Jean-Joseph

Arte digital inspirada no chigiri-e, 2026



GRÃ-BRETANHA

Pamela Mary Anderson Corke

Pamela Anderson

Breve Biografia

Iniciou seus estudos de sumi-e em setembro de 2012 sob a orientação de Kumiko Fujimura, professora que a inspirou a observar atentamente a natureza e a descobrir sua essência.

Sobre a obra

Pousado sobre um junco, o martim-pescador aguarda pacientemente o momento de capturar o primeiro peixe da manhã.

Kingfisher on bullrush
Pamela Mary Anderson Corke
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



HUNGRIA

Varga Tímea

Ősz Varga Tímea

Breve Biografia

Estudou Artes Gráficas na Escola de Artes Jaschik Álmos, em Budapeste, e posteriormente Metalurgia Artística na RING SZKI, também em Budapeste.

Iniciou sua trajetória no sumi-e de forma autodidata e, posteriormente, aperfeiçoou seus estudos sob a orientação de Harumi Tohsei Kobayashi, Vice-Presidente da International Association of SUMI.

Sobre a obra

No centro da composição ergue-se uma árvore cujas folhas são iluminadas pelos primeiros raios do sol nascente, simbolizando o despertar da natureza e o início de um novo dia.

Moment of the rising sun
Varga Tímea
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



ÍNDIA

Ms. Raji Narayanan

Raji Narayanan

Breve Biografia

Raji Narayanan cultiva profundo interesse pela arte e pela cultura japonesas, especialmente pelo sumi-e.

Atualmente, aperfeiçoa-se nas técnicas do sumi-e sob a orientação de Harumi Tohsei Kobayashi Sensei, Vice-Presidente da International Association of SUMI.

Profundamente inspirada pela natureza, procura criar obras que convidem o observador a desacelerar e contemplar a beleza presente no mundo ao seu redor.

Sobre a obra

Um pavão repousa serenamente à margem do rio, com a cabeça voltada para trás e o bico ligeiramente entreaberto, contemplando um pinheiro solitário.

A pintura evoca um instante de contemplação, introspecção e profunda serenidade interior.

Looking back at the Pine

Raji Narayanan

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Anna Liptser

Ri Sei

Breve Biografia

Artista contemporânea especializada em pintura a tinta, desenvolve seu trabalho a partir da tradição do sumi-e japonês e da estética minimalista monocromática.

Graduou-se em uma escola internacional de sumi-e e é membro da International Association of SUMI.

Participa regularmente de exposições em Israel e no exterior, além de realizar mostras individuais.

Sua produção explora temas como natureza, fluxo, ilusão e reflexão emocional, por meio de um minimalismo expressivo inspirado pela filosofia oriental.

Suas obras receberam diversos prêmios internacionais.

Sobre a obra

Dance of Water Angels é uma obra dedicada ao movimento invisível da água, transformada em símbolo da memória e do fluxo da existência.

A dança expressa leveza, transição e liberdade.

Os dois peixes, suspensos como formas que derivam silenciosamente, evocam a delicada ligação entre o movimento da vida e seu reflexo.

Dance of the water angels

Anna Liptser

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



NORUEGA

Shafaq Zahid
White Dragon

Breve Biografia

Após contrair Covid pela segunda vez, perdi a memória de curto prazo e a capacidade de reconhecer palavras.

Naquele período, um amigo sugeriu que eu aprendesse alguma atividade artística para estimular minha recuperação.

Depois de muita pesquisa, encontrei a pintura japonesa a tinta, que imediatamente despertou profunda identificação.

Tive a felicidade de encontrar um excelente sensei e iniciei minha jornada no sumi-e com o desejo de, um dia, transmitir esse conhecimento a outras pessoas.

Cada pintura constitui uma experiência meditativa, restauradora e transformadora.

Sobre a obra

Esta pintura monocromática reúne as quatro estações em uma única paisagem contínua.

As delicadas transições tonais unem névoa, água e formas naturais. À esquerda, as flores da primavera cedem lugar à vegetação abundante do verão e a um riacho sinuoso. Em seguida surgem as folhas rarefeitas do outono, acompanhadas por uma raposa silenciosa. À direita, uma árvore sem folhas e uma ave pousada evocam a quietude do inverno.

Os animais aparecem discretamente como observadores serenos, enquanto o curso d'água conduz o olhar através dos ciclos de crescimento, transformação e repouso.

Fundamentada nos princípios do sumi-e, a obra privilegia a essência em vez do detalhe, utilizando o vazio como um espaço ativo de possibilidades.

Four Seasons
Shafaq Zahid
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



POLÔNIA

Małgorzata Suhecka
Ma Ru Go Sha / 磨留悟謝

Breve Biografia

Małgorzata Suhecka é uma artista polonesa com mais de vinte e cinco anos de atuação nas áreas de arte e design.

Dedica-se à pintura tradicional japonesa sumi-e e ao diálogo entre arte, natureza e harmonia interior.

Sua trajetória artística foi profundamente marcada pelo Japão, país que se tornou sua segunda casa e onde sua produção encontrou ritmo, forma e fundamento espiritual.

Desde 2022, suas obras são apresentadas regularmente na exposição Art Beyond Boundaries, realizada no The National Art Center, em Tóquio.

Em 2026 recebeu o Prêmio Arata Shimao.

Na Polônia fundou a escola San Mi Arte, dedicada ao ensino tradicional do sumi-e para crianças e adultos, preservando os valores do respeito, da atenção plena e da relação mestre-discípulo.

Sua missão é:

"Pintar o mundo com paz."

Sobre a obra

Bonsai — O Espírito Enraizado no Silêncio é uma pintura sumi-e inspirada na força silenciosa de um antigo bonsai.

Mesmo ocupando um espaço reduzido, a árvore carrega a dignidade do tempo, da paciência e da perseverança, convidando o observador a interromper o ritmo cotidiano, respirar profundamente e ouvir a história que ela silenciosamente conta.

Bonsai – The Spirit Rooted in Silence
Małgorzata Suhecka
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Margot Olejniczak

Margot Tohkou 東虹 Olejniczak

Breve Biografia

Margot Tohkou (東虹 — "Arco-íris Oriental") Olejniczak é uma artista suíço-polonesa que dedicou mais de vinte e cinco anos ao estudo do sumi-e, inicialmente com Ilan Janicki e, desde 2012, sob a orientação do mestre Tohun Kobayashi, que lhe concedeu seu nome artístico.

Sua obra foi amplamente apresentada em exposições na Europa, nos Estados Unidos e no Japão, recebendo importantes distinções japonesas, entre elas diversos prêmios no The National Art Center, em Tóquio, e o Prêmio Especial do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão.

É fundadora do Atelier Margot – International School of Japanese Painting, instituição dedicada ao ensino e à difusão do sumi-e em diversos países da Europa.

Sobre a obra

Vivendo em uma pequena vila suíça cercada por montanhas, observo diariamente essa paisagem a partir da minha janela.

As montanhas tornaram-se minha fonte inesgotável de inspiração e permanecem como meu tema preferido.

Esta pintura não representa um lugar específico, mas uma interpretação nascida da memória, da imaginação e das emoções despertadas por anos de convivência com essas paisagens.

O que mais me fascina na pintura japonesa a tinta é sua extraordinária simplicidade e o desafio de expressar emoções profundas, estados de espírito delicados e experiências pessoais utilizando apenas uma única cor.

Criada a partir da lembrança, da imaginação e do sentimento, esta obra traduz minha profunda ligação com a natureza e com a silenciosa presença das montanhas que acompanham minha vida todos os dias.

Sunsets

Margot Olejniczak

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Maria Romańska

Breve Biografia

O sumi-e encantou-me há quatorze anos. Desde então, ainda que com algumas interrupções, estudo sob a orientação de Margot Tohkou Olejniczak, na Polônia, e dos mestres Tohun Kobayashi e Harumi Tohsei Kobayashi, em Tóquio.

Sobre a obra

Técnica: tinta sumi sobre papel.

As aves são meu tema favorito. Nesta obra, o inverno é sugerido com delicadeza por uma leve camada de neve sobre o bambu.

Winter Flying
Maria Romańska
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Marta Cyran

Breve Biografia

Sou Marta Cyran, da Polônia.

Estudo sumi-e há seis anos.

Vazio, sugestão e dinamismo são os elementos que procuro desenvolver nessa arte.

Estudo no Atelier Margot, sob orientação da mestra Margot Tohkou Olejniczak (東虹).

Participei de numerosas exposições coletivas na Polônia e no exterior, incluindo Tóquio.

Recebi o Honorary Award (2024) e o Cultural Award (2025) na exposição internacional Art Beyond Boundaries, realizada no The National Art Center, em Tóquio.

Para mim, o sumi-e é um caminho de descoberta da expressão artística e da paz interior no cotidiano.

Sobre a obra

Esta obra foi criada para celebrar o Dia Internacional da Paz.

Ela expressa a ideia de que até mesmo os opostos podem coexistir em perfeita harmonia.

Peaceful sleep
Marta Cyran
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Witold Romański

Vito

Breve Biografia

Foi minha mãe quem despertou meu interesse pelo sumi-e há dez anos.

Em razão da exigência da minha profissão, encontrei nessa arte um caminho para restaurar o equilíbrio da vida.

A natureza sempre foi meu refúgio de paz e, por meio do sumi-e, passei a reencontrar essa serenidade também na pintura.

Realizei cursos ministrados por Margot Tohkou Olejniczak, no Museu Manggha, na Polônia, e, mais recentemente, participei de aulas individuais com os mestres Tohun Kobayashi e Harumi Tohsei Kobayashi, em Tóquio.

Sobre a obra

O espaço preenchido pela natureza desperta os sentidos.

Plantas, rochas e água unem-se para criar uma atmosfera de equilíbrio, silêncio e harmonia.

Alone
Witold Romański
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



ROMÊNIA

Elena-Simona Indreica

Indreica Magher

Breve Biografia

Professora Associada da Universidade Transilvania de Braşov, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, representa a Romênia nesta exposição realizada no Brasil.

Desde 2019 desenvolve sua produção artística sob o nome Indreica Magher.

Sua principal técnica é a aquarela, dedicando-se também, mais recentemente, ao sumi-e.

Suas obras participaram de mais de trinta exposições internacionais, incluindo mostras no Japão, Singapura e outros países.

Em 2021 conduziu oficinas interativas durante a Expo 2020 Dubai e, em 2025, realizou pintura ao vivo na Expo 2025 Osaka, atividade amplamente apreciada pelo público japonês.

Em sua produção artística procura integrar elementos das culturas romena e japonesa.

Sobre a obra

"Sobre um Galho" foi inspirada na celebração de uma longa história de vida compartilhada com um companheiro muito querido.

As duas andorinhas, voltadas delicadamente uma para a outra sobre um ramo florido de cerejeira, simbolizam devoção, harmonia e um vínculo que floresceu ao longo dos anos.

O título faz referência tanto ao delicado galho onde repousam quanto à sólida união construída ao longo das diferentes estações da vida.

On a bough
Elena-Simona Indreica
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



RÚSSIA

Aleksandra Bezmenova

沙西 (*Sa Sei*)

Breve Biografia

Artista e professora de sumi-e desde 2014.

É instrutora certificada da International Sumi-e Association e membro da Associação Russa de Artistas de Sumi-e.

Recebeu o Semi-Grand Award na exposição internacional Art Beyond Boundaries 2022.

Sobre a obra

Inspirada nas tradicionais paisagens haboku, esta pintura representa uma cascata nas montanhas.

Por meio da síntese característica do sumi-e, procura transmitir a serenidade, a força e a beleza da natureza.

Waterfall
Aleksandra Bezmenova
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Balina Natalya

Breve Biografia

Professora de artes para crianças e membro da Associação de Artistas de Sumi-e da Rússia.

Pratica pintura japonesa desde 2020 e participa regularmente de exposições na Rússia e no Japão.

Dedica-se ao ensino da pintura japonesa para crianças e adultos, promovendo a difusão do sumi-e em sua comunidade.

Sobre a obra

É uma manhã do início do verão em Moscou.

As ruas permanecem silenciosas, preenchidas apenas pelo canto dos pássaros e pelo som de um bonde que passa lentamente.

Uma brisa fresca e o suave murmúrio das folhas acolhem os habitantes da cidade nesse luminoso início de dia.

Summer morning. Moscow.

Balina Natalya

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Boldyreva Irina

里奈 (*Ri na*)

Breve Biografia

Dedica-se à pintura em sumi-e desde 2016.

Sob a orientação da mestra Nataliya Bezvulyak, participa regularmente das exposições anuais da escola Ink and Paper, além de exposições internacionais realizadas no Japão.

Sobre a obra

A obra foi inspirada por uma viagem ao norte da Rússia.

Retrata uma pequena enseada de pescadores em uma vila costeira, numa manhã silenciosa em que um novo dia começa a despertar.

Northern silence
Boldyreva Irina
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Nataliya Bezvulyak

奈青 (Na Sei)

Breve Biografia

Nataliya Bezvulyak (Moscou, 1969) é uma artista contemporânea russa cuja produção combina o realismo com as técnicas tradicionais da pintura japonesa a tinta (sumi-e).

Suas obras exploram os temas sazonais característicos da arte japonesa, reinterpretando-os à luz da vida contemporânea. Utiliza exclusivamente materiais tradicionais da pintura oriental — papel, tinta e pincéis — e encontra inspiração na cerimônia do chá, na caligrafia e na ikebana.

Vive e trabalha em Moscou. Participa de exposições nacionais e internacionais desde 2006. É membro da União dos Artistas de Moscou desde 2008 e da All Japan Suibokuga-Art Association desde 2010.

Entre 2011 e 2015 participou da seleção All Japan Exhibition of Suibokuga Masterpieces – 500 Selected Sumi Artworks, realizada no The National Art Center, em Tóquio.

Desde 2022 participa anualmente da exposição Art Beyond Boundaries.

Também é curadora do projeto anual Ink and Paper, em Moscou, que reúne mestres de sumi-e, ikebana e outras artes tradicionais japonesas.

Sobre a obra

Esta obra foi criada como ilustração para o calendário de 2026, dedicado ao Ano do Cavalo.

Combinando observação direta da natureza e a técnica tradicional do suibokuga, a artista buscou criar uma imagem positiva e auspiciosa para o novo ciclo, expressando esperança em um futuro melhor.

Year of the Horse

Nataliya Bezvulyak

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Shimkina Natalya

曲奈

Breve Biografia

Vive em Moscou.

É artista e professora de pintura japonesa sumi-e, dedicando-se a essa arte desde 2015.

Participa anualmente da exposição internacional Art Beyond Boundaries, em Tóquio, desde 2022, bem como do projeto expositivo Ink and Paper, realizado em Moscou, que reúne mestres de sumi-e, ikebana e outras artes tradicionais japonesas.

Principais premiações:

- 2024 – International Friendship Award – Art Beyond Boundaries, Tóquio.
- 2025 – International Honors Award – Japão.
- 2026 – International Friendship Award.

Sobre a obra

No final do outono, um corvo pousa em um galho junto à varanda de uma antiga casa.

Estamos acostumados a vê-lo ali; tornou-se quase um membro da família.

Ao admirarmos sua presença altiva e elegante, sabemos que o outono chegou.

Deep autumn
Shimkina Natalya
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Usov Oleg
烏索夫

Breve Biografia

Graduou-se na Escola de Arte V. A. Serov nº 1, na Universidade Pedagógica Estatal de Moscou e na Escola de Sumi-e do Centro Cultural Japan House, em Moscou.

É membro da Associação Russa de Artistas de Sumi-e.

Recebeu o Grand Prix da exposição internacional Art Beyond Boundaries (Tóquio, 2022), além de diversas outras premiações internacionais.

Suas obras foram apresentadas na Rússia, Japão, Taiwan, China e Espanha.

Como ilustrador de haicais, publicou centenas de trabalhos em livros e diversos álbuns dedicados exclusivamente ao sumi-e.

Sobre a obra

O propósito desta obra é utilizar a linguagem do sumi-e para permitir que o observador visualize e sinta profundamente a atmosfera e as imagens sugeridas por um haikai do renomado tradutor da literatura japonesa A. A. Dolin.

Alcançar essa atmosfera exige intenso estudo, profunda concentração e um diálogo contínuo entre o artista, a poesia, a tinta, o pincel e o papel.

Waxwings flock to the rowan tree to feast on rowan berries
Usov Oleg
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



SÉRVIA

Slovena Mitrovski

Breve Biografia

Slovena Mitrovski é uma artista contemporânea sérvio-alemã, radicada em Berlim, onde vive e desenvolve sua produção artística.

Seu trabalho investiga a profundidade emocional, o silêncio interior e a relação entre movimento e quietude.

Utilizando principalmente técnicas japonesas de pintura a tinta sobre papel, explora o diálogo entre abordagens artísticas orientais e ocidentais, combinando minimalismo, intuição e gesto expressivo.

Inspiradas pela estética oriental, pelos processos meditativos e pela abstração contemporânea, suas obras abordam temas como transformação, memória e sensibilidade humana.

Por meio de composições monocromáticas e formas fluidas, cria espaços visuais que convidam à contemplação e à experiência emocional.

Sobre a obra

Whispers of Ink (Sussurros da Tinta) investiga o silêncio, o movimento e a presença emocional por meio da tinta japonesa sobre papel.

A obra equilibra espontaneidade e controle, permitindo que a fluidez da tinta crie formas orgânicas e delicados contrastes tonais.

Inspirada pela prática meditativa e pela filosofia da simplicidade, convida o observador a penetrar em uma paisagem interior silenciosa, onde emoção e contemplação coexistem.

Whispers of Ink

Slovena Mitrovski

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



SUIÇA

Nicole Metzger

Nicole Metzger

Breve Biografia

Recebeu o International Honorary Award na exposição Art Beyond Boundaries, realizada em Tóquio, em 2026.

Seu trabalho caracteriza-se pela rara capacidade de transmitir o espírito da pintura a tinta por meio de poucos e precisos traços de pincel.

Sobre a obra

O falcão branco foi executado utilizando a técnica tradicional Shiro-nuku, na qual a própria brancura do papel dá forma à ave.

Na tradição japonesa, o pinheiro e o falcão branco são símbolos auspiciosos. Representam a força destinada à proteção das pessoas e dos castelos, transmitida de geração em geração, assegurando prosperidade duradoura.

A obra simboliza, igualmente, a continuidade da paz e do bem-estar para a sociedade contemporânea.

White bird
Nicole Metzger
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



UCRÂNIA

Daria Ternova-Bordun

Daria Ternova-Bordun

Breve Biografia

Pratica sumi-e desde 2023.

Participou de diversas exposições internacionais e colaborou na organização de importantes mostras de arte.

Também atua como retratista.

Sobre a obra

Esta pintura em sumi-e retrata um sábio serenamente sentado sobre um penhasco rochoso diante de um poderoso dragão que segura entre as garras uma luminosa pérola de fogo.

O encontro entre o sábio e a criatura mítica simboliza sabedoria, equilíbrio e a harmonia entre a paz interior e a força indomável.

A névoa envolvente e as pinceladas expressivas criam uma atmosfera mística e atemporal inspirada na mitologia oriental.

Between Wisdom and Flame
Daria Ternova-Bordun
Tinta sumi sobre papel washi, 2026



Nina Butieva

Breve Biografia

Nina Butieva é uma artista radicada no Japão cuja produção investiga as forças da natureza como sistemas dinâmicos.

Seu trabalho concentra-se especialmente no mar, entendido como espaço de tensão, transformação e equilíbrio instável, explorado por meio do gesto e de uma linguagem visual contida.

Recebeu o Prêmio do Conselho de Artes e Cultura de Kobe na 51ª Exposição de Arte dos Cidadãos de Kobe.

Suas obras mais recentes desenvolvem uma pesquisa sobre os processos de transição entre estrutura e dissolução, em vez da representação de imagens fixas.

Atuando entre diferentes contextos culturais, investiga como percepção e memória se transformam com o deslocamento, traduzindo essas experiências em formas visuais abstratas.

Sobre a obra

Esta obra em sumi-e explora movimento e presença por meio da imagem de um cavalo branco em plena corrida.

Utilizando poucas pinceladas e amplos espaços vazios, concentra-se na energia, no ritmo e na natureza transitória da forma.

White Silence in Motion

Nina Butieva

Tinta sumi sobre papel washi, 2026



VIETNÃ

Xuân Long

Breve Biografia

Xuan Long é um jovem artista vietnamita apaixonado pela pintura desde a infância, especialmente pela arte oriental.

Após graduar-se em Belas-Artes, dedicou-se ao estudo, à pesquisa e ao aperfeiçoamento contínuo da pintura chinesa.

Sua produção inspira-se na tradição da Escola Lingnan, preservando, ao mesmo tempo, uma linguagem artística própria.

Suas obras são divulgadas por meio de exposições e redes sociais, tendo sido apresentadas no Vietnã e em diversos países, entre eles Taiwan, Hong Kong, China, Japão, Coreia do Sul, Índia, Estados Unidos, Irã, México e Espanha.

Sobre a obra

Executada em tinta tradicional e aquarela sobre papel, a obra inspira-se na serenidade da paisagem rural durante um dia de verão.

Por meio da delicadeza das pinceladas e da simplicidade da composição, procura transmitir a atmosfera tranquila e harmoniosa do campo vietnamita.

Happy summer
Xuân Long
Pigmentos coloridos e sumi sobre papel, 2026





AGRADECIMENTOS

A realização da exposição *Arte sem Fronteiras – Brasil: Diversidades em Diálogo* foi possível graças ao compromisso e à colaboração de artistas, instituições, embaixadas, parceiros culturais, equipes técnicas, patrocinadores, apoiadores e voluntários que, no Brasil e no exterior, acreditaram na arte como instrumento de diálogo, cooperação e aproximação entre os povos.

À International Association of SUMI, ao Instituto Sumi-e Brasil, ao Senado Federal, às representações diplomáticas participantes e às instituições parceiras, expressamos nossa sincera gratidão pelo apoio e pela confiança depositados neste projeto.

Estendemos nosso reconhecimento aos artistas participantes, cuja sensibilidade, dedicação e excelência artística transformaram esta exposição em um espaço de encontro entre culturas, tradições e diferentes formas de compreender e representar o mundo.

A todos aqueles que, de diferentes maneiras, contribuíram para a concretização desta iniciativa, registramos igualmente nossa profunda gratidão. Que os laços de amizade, respeito e cooperação fortalecidos por esta exposição continuem inspirando novos encontros entre o Brasil e os países aqui representados.

A arte, para além da técnica ou do estilo, é uma manifestação da forma como o ser humano se relaciona com o mundo. Quando os artistas participantes retratam a presença da vida por meio das gradações da tinta e do movimento do pincel, surge um sentimento de empatia capaz de ultrapassar fronteiras nacionais e culturais. Esse é precisamente o espírito desta exposição: promover a cooperação cultural, fortalecer a consciência ambiental e incentivar o diálogo em favor de um futuro sustentável.

Tohun Kobayashi

